



FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
EUNICE ESCOSTEGUY

INFORMAÇÃO ÔNTICA: FINALMENTE A ARQUÉ (MONOGRAFIA)
A ARQUÉ DA COSMOGONIA GREGA E A INFORMAÇÃO DA ONTOPSICOLOGIA

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019

EUNICE ESCOSTEGUY

INFORMAÇÃO ÔNTICA: FINALMENTE A ARQUÉ (MONOGRAFIA)
A ARQUÉ DA COSMOGONIA GREGA E A INFORMAÇÃO DA ONTOPSICOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia Curso de Graduação em **Ontopsicologia**, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Josemar Soares

RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2019

EUNICE ESCOSTEGUY

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia Curso de Graduação em **Ontopsicologia**, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientador: Prof. Dr. Josemar Soares

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Josemar Soares
Orientador do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Ms. Egídio Lasta
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Bruno Fleck
Membro da Banca Examinadora
Faculdade Antonio Meneghetti

Recanto Maestro, 03 de outubro de 2019.

AGRADECIMENTOS

O meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. Antonio Meneghetti (1936 – 2013), do qual pude aprender, na teoria e na práxis existencial, que o Ser é.

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar esta singela monografia às futuras grandes mentes que compreenderão a Ontopsicologia.

Epígrafe

“Líder: um pouco se nasce, muito se torna”.

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2009.

RESUMO

O tema principal deste artigo é a descoberta mais importante da ciência ontopsicológica, a INFORMAÇÃO ÔNTICA. Os campos de estudos são a filosofia pré-socrática e a Ontopsicologia. O objetivo fundamental é evidenciar que a arque, como pesquisada e concebida pelos protocientistas estudados neste artigo, vem a ser descoberta, na década de 70, pelo cientista italiano Antonio Meneghetti. Para isto, apresenta-se um histórico bibliográfico da busca pelo “princípio primeiro”, na cosmogonia grega e na Ontopsicologia, demonstrando que as investigações realizadas pelos pré-socráticos da arque, termo introduzido por Anaximandro, é a informação ôntica ou Em Si ôntico, e o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, de onde obteve-se uma importante documentação sobre o tema, concluindo-se com as novidades científicas aportadas pela ciência ontopsicológica: a filocrazia.

Palavras-chave: “arque”; informação ôntica; filocrazia.

ABSTRACT

The main subject in this article is the ontic information. The Field of study is philosophy. The object is to present ontic information as “αρχε” with a bibliographical historic search of “firt principle” and the method used was bibliografic search, getting an important documentation of this subject, concluding with the cientific news of the ontopsycology science.

Keywords: “αρχε”; ontic information; philocracy.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	10
2 Fundamentação Teórica.....	13
3 Metodologia.....	35
4 Resultados e Discussão.....	35
5 Considerações Finais.....	40
Referências.....	44
Apêndices.....	45
Anexos.....	46

1. INTRODUÇÃO

*“É preciso que o dizer e o pensar sejam o ser: é **dado de fato ser**, enquanto nada não é; que é o quanto te constrangi a admitir. Desta primeira via de pesquisa de fato afastam-te, e depois, além disto, daquela para a qual mortais que nada sabem vão errando, **gente de dupla cabeça**. Porque é a incapacidade que no seu peito dirige a errante mente; que esses venham arrastados surdos e cegos, tornados estúpidos, gente que não sabe decidir-se, dos quais o ser e o não ser são considerados idênticos e não idênticos, portanto de todas as coisas reversível é o **caminho**.” (GIANNANTONI, 1969, pg. 24, trad. nossa)*

Quando no final de uma quente manhã de verão, Sócrates encontra Fedro, que tinha apenas saído de uma conferência na casa de Lísia, e Fedro resolve convidá-lo para um passeio fora dos portais de Atenas, junto à natureza - sabe-se que Sócrates preferia caminhar na cidade porque dizia que as plantas, os animais, as águas, etc. não poderiam ensiná-lo tanto quanto os homens que encontrava em suas caminhadas urbanas - mas muda de ideia e resolve acompanhar Fedro depois que este revela o tema da conferência: o amor. E depois de alguns diálogos diz Sócrates: “antes de qualquer outra coisa, é preciso que definamos o que seja o amor, quais suas características, etc. porque não se pode pretender fazer ciência se não temos claro **o que é** o objeto de nosso estudo”.

Pois bem, guardadas as devidas e óbvias proporções com Platão, o presente estudo partirá das claras definições do objeto de estudo principal e seus correlatos, neste artigo.

O Ser é o **princípio**, é o “**primus**” “**incipit**”, é o primeiro que dá origem a tudo, é o primeiro que começa tudo, é o princípio **único** que gera a multiplicidade e a universalidade de todas as coisas, é a base comum universal. É também a **substância** de todo e qualquer real, ou o que está “sob”, por trás do real, o que sustenta a realidade, exatamente como entendia o criador deste termo, Aristóteles, quando falava da existência de um ser ou de uma substância suprassensível: estaticamente as coisas singulares são um sínolo ou um conjunto de matéria e forma ou uma unidade hilemórfica, incindível de **matéria** e **forma**, “υλη”, “υλέ”, matéria e

“μορφή”, “morfé”, “forma”, dinamicamente, o *fim* ou escopo e agente ou *causa eficiente*, mas a dinâmica subsiste na medida na qual é produzida por um princípio motor – eterno, imóvel – isto é, ato puro, pura forma, sem matéria. A substância de Aristóteles é, portanto, uma *substância imaterial*. E, para Meneghetti, a primeira fenomenologia do Ser é uma **informação**. Termo ainda mais completo, porque agrega o princípio, o ser, a forma, o início da diferenciação, e o ato, a transição e a materialidade, e é o qual adota a Ontopsicologia. A informação é a **arqué**.

Em Ontopsicologia, segundo Meneghetti, informação, “**in**” que indica contemporaneamente direção, dentro, no interior, íntimo, e o Ser, porque este “in” é também iniciático de “ιν ειμι”, “eimi”, “Ser”. Dentro e Ser; “**forma**”, design, modelo, marca, figura, modo interno que especifica e diferencia uma coisa da outra; “**ação**” ato, materialidade, coordenadas espaços-temporais, devir existencial. “É o modo do ente em si em relação”. É o momento de passagem, é o que determina, causa a passagem entre onda e corpúsculo, e vice-versa. O conceito de informação em Ontopsicologia é também sinônimo de um específico “λογος”, “**logos**”, “igualdade racional”, como o “logos” de Parmênides, e também aos de alguns outros autores – como, por exemplo, o “νουσ” ou “intelecto divino” de Anaxágoras - desde que o “logos” em questão refira-se à mediação do Ser como essência imanente, eterno e universal à existência, ao “κοσμος”, “cosmos”, ao todo criado e sempre em modo **unívoco**: isto é, a informação, em Ontopsicologia, é a **arqué**.

A “αρχη” é o princípio primeiro, isto é, a **causa única** que governa, dá ordem, ao mundo e a toda materialidade. **É a causa não porque cria a partir do nada**, mas porque comanda todas as coisas que existem: a terra, os planetas, o ser humano, os animais, o mar, os rios, as plantas, etc. É o princípio que dá a ordem (cosmos), do qual começa agora um breve percurso histórico, a “água” de Tales, o “απειρον” de Anaximandro, o “ar” de Anaxímenes, os “números” de Pitágoras, o “λογος”, ou “Ser” como “παντα ρει” originado do “πολεμος”, cujo símbolo é o “fogo” de Heráclito, o “λογος” sustentado pelo “Ser” imóvel, imutável, sempre idêntico, etc. de Parmênides, “O Ser é, o não ser não é”, passando pelos “os quatro elementos” de Empédocles, o “νουσ” de Anaxágoras e finalmente o “átomo” de Demócrito, até a “informação” de Meneghetti. É a causa primeira e também a causa última. Para além desta causa não existe nenhuma outra, somente o Ser metafísico, transcendente, o qual, obviamente, não pode ser objeto científico.

Das diversas proposições de arqué à informação como mediadora da pura **energia**, aonde também “en” significa não somente dentro, como principalmente ser, e “εργον”, trabalho, relação entre força, massa e

aceleração, à **matéria**, segundo a Ontopsicologia, prioritária é a informação, isto é, a informação é a “*ἀρχή*”, “arché”, a causa, o comando, o *starter*, o princípio primeiro, o organizador de todo o universo. Tudo se inicia através de uma informação, a qual é única e é a primeira fenomenologia do Ser, vale dizer que eu, você, as plantas, os rios, as casas, as estrelas etc. somos consequências e portamos uma precisa informação, ou direta, ou mediada pelo ser humano (no caso dos objetos inanimados, uma casa, por exemplo).

A pesquisa científica em busca da “arqué” tem origem, segundo chegamos até hoje, no ocidente, na assim denominada filosofia pré-socrática. O presente artigo trás, a seguir, um histórico inicial, desta motivação primordial de algumas mentes geniais em busca da origem do cosmos, do universo, e de nós mesmos.

Hoje muito se discute, em diversas áreas do saber, a respeito da informação. Talvez informação seja o típico termo interdisciplinar por natureza e, para a Ontopsicologia, epistêmico. Contudo, ninguém mais questiona o enorme **poder** desta, sobretudo nos meios midiáticos, a ponto de se afirmar que quem possui, por exemplo, os meios de comunicação ao seu dispor, possui também o **poder**. Mas, para você, o que é o **poder**?

Há alguns anos atrás houve ampla divulgação nas mídias do caso de um conhecido e importante político brasileiro o qual teria sofrido um ataque cardíaco, e falecido, após ter lido em um importante jornal de circulação nacional uma determinada notícia. Recordo também que à época alguns meios de comunicação aventaram a possibilidade que tal notícia pudesse ter sido uma matéria paga, “plantada” intencionalmente pelos seus opositores. Verdade ou não, resta o incontestável fato que a partir de dada informação sucedeu-se o fatal acontecimento.

Segue agora um trabalhoso e minucioso estudo, que parte dos primórdios da ciência ocidental, a lenta e gradual separação da crença mitológica ao logos, como percurso histórico, absolutamente laico, apesar da gradual passagem do mito ao logos, das primeiras hipóteses de arqué, chegando exatamente ao ponto crucial do problema o qual se propõe este artigo: A informação ôntica é a arché? O conceito de informação, como o compreende hoje a Ontopsicologia, é a **arqué**.

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral deste artigo é investigar o percurso histórico, desde o surgimento das primeiras hipóteses da arqué, analisando mais em profundidade a obra de Parmênides em especial, para poder avaliar melhor a descoberta científica da informação ôntica realizada por Antonio Meneghetti.

O objetivo específico é demonstrar que a informação ôntica é a arqué.

1.2 JUSTIFICATIVA

A motivação principal para a escolha deste tema foi a constatação, não só na esfera da atividade profissional cotidiana, bem como na vida pessoal, acadêmica e social em geral, da ausência de um **critério de natureza**, ou seja, por meio de diversas experiências, pessoais, profissionais, etc. pude evidenciar o quanto o ser humano perdeu o próprio critério base elementar na condução da própria vida e, por conseguinte, na atuação no social. Cada vez mais se vê uma lacuna entre as aspirações existenciais dos indivíduos e os resultados de fato por estes alcançados. A Ontopsicologia tendo descoberto tal critério afirma que este também é o critério que resolve o problema crítico do conhecimento. A arché tão buscada pelos protocientistas estudados neste artigo, é o mesmo critério descoberto pela Ontopsicologia e é, a partir daí a sua relevância científica, o mesmo critério que resolve o velho problema crítico do conhecimento humano e da ciência, que, segundo Husserl, perdeu a conexão com o mundo da vida.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“A informação é o princípio básico elementar do universo.”

(MENEGETTI, 2015, pg. 137)

2.1 A arqué como critério científico

Em uma época em que alguns homens da magna Grécia lançaram as bases da ciência ocidental, as quais, muitas delas, a ciência moderna vem confirmando até hoje, a filosofia era a ciência por excelência, ou ainda melhor, filosofia e ciência eram sinônimos. Todas as outras, como a física, eram derivações, ou apenas ramos da filosofia, também a psicologia, nominada mais tarde por Aristóteles.

Tais mentes não mais se contentavam com as explicações míticas dadas para as diversas realidades, e começaram a investigar a realidade, motivados pela curiosidade – o próprio Aristóteles afirma que a filosofia parte do “causa maravilha!” – e possuidores de um espírito nato de

pesquisa pela lógica e respectiva racionalidade, da qual Parmênides lançará, e mais tarde Aristóteles, os princípios fundamentais da lógica, até hoje base que sustenta, por exemplo, a moderna ciência informática. Esse início de pensamento baseado na dedução racional acaba por introduzir definitivamente na história da humanidade a visão laica, nunca mais superada, pelo menos até hoje, por mais nenhuma religião ou filosofia oriental de cunho místico.

“Considero que o único filósofo que chegou à compreensão do ser seja Parmênides, como se conclui das poucas frases que chegaram até nós”. (MENEGETTI, 2015, p. 72). Por isso considera-se importante retomar nesse artigo, o início da ciência ocidental, o histórico ontológico da ciência. A célebre frase de Parmênides, contida no seu poema intitulado *Sobre a natureza*, “O ser é, e não pode não ser, o não ser não é, e não pode ser”, introduz a Ontologia, isto é, a lógica do ser, ou seja, os princípios atávicos de **identidade** e de **não contradição**, e também a Ontopsicologia, ferramenta prática para o acesso à Ontologia, porém, como afirma Meneghetti, “não é suficiente por si só para se fazer ciência” (MENEGETTI, 2013, “Perchè l’Ontopsicologia?”, <https://you.be/nQvewQBBqlw>). Para tal, faz-se necessário a introdução de um **critério científico** – repetível, o mesmo pesquisador pode fazer o experimento muitas vezes e obter, nas mesmas condições, o mesmo resultado, e reproduzível, outros cientistas podem fazer o mesmo experimento, com as mesmas condições, e obter o mesmo resultado.

Critério, “κρινω”, “eu julgo”, “o constituinte que garante a existência, ou não, de todos os seus correlatos”. (MENEGETTI, 1998, pg. 95) Mas talvez se pensarmos bem, é lícito que nos perguntemos e nos questionemos, em qual ou quais critérios apoia-se a nossa ciência oficial atual? Possui, de fato, a nossa ciência atual a capacidade de acesso ao real? Até que ponto, a ciência pode, tem o **poder** de resolução dos problemas? Poderíamos pensar na medicina – realmente cura, ou na maioria das vezes somente desloca o problema? - na física – cujas leis funcionam somente em determinados âmbitos - mas, por exemplo, tomemos a matemática, especialmente a álgebra linear, quando parte do seguinte axioma: “Suponhamos a existência de um ponto e que este ponto movimenta-se de uma posição A até uma posição B, dando origem ao segmento de reta AB.” Etc. *E se por um instante eu não suponho que tal ponto existe?* Esse critério aceito pode ser dito convencionalizado, ou seja, aceito pelas partes, mas não necessariamente evidente. Isto vale dizer que a ciência oficial está ancorada em muitos critérios nem sempre totalmente demonstráveis, ou seja, em critérios convencionais, o que talvez alguns pré-socráticos denominariam “δοξα”, “doxa”, “opinião”, apenas uma convenção entre determinados grupos que atende a ideologia do grupo dominante, e

que, dentro de um determinado raio de ação, funciona. Porém, diriam os pré-socráticos: o verdadeiro critério é a “ἀλετεία”, é a “aletéia”, é a “verdade”. É o critério fundamentado na natureza, exemplificado pela busca naturalística dos primeiros cientistas, é a **arqué**. É o critério da arqué dos pré-socráticos naturalistas, ou seja, que fundamentavam suas pesquisas na natureza, na biologia, como o faz a Ontopsicologia. “O critério de natureza é uma medida que procede por evidência”. (MENEGETTI, 1998, pg. 95) Faltaria à ciência oficial justamente a retomada do estudo ancorado na **evidência** da natureza, nua e crua, tal qual como se apresenta, não necessariamente de acordo com a opinião vigente, para se “empoderar”, para poder fundamentar o proceder científico: “ex” “vidente”, do latim, “aquilo que resulta da experiência daquele que vê.” (MENEGETTI, 2001, pg. 79) Ou ainda, “ A verdade daquele fato nasce de mim que vejo, isto é, nasce a partir do idêntico princípio através do qual se existe.” (MENEGETTI, 1998, pg. 96)

Este princípio, critério, ou ainda, arqué, em Ontopsicologia é uma *informação*. Meneghetti define-a como a **informação ôntica**. A unidade, que é impossível de destacar, de matéria e energia, onde ora pode predominar uma, ora outra, é precedida por uma específica informação denominada em Ontopsicologia Em Si ôntico ou informação ôntica. Tal informação é o famoso e tão procurado **arqué**.

2.2 O primeiro protocientista

É Tales (aprox. 625 – 547 a. C), considerado “o primeiro”, da pequena cidade colônia grega Mileto, na Península da Anatólia, atual Turquia, “o primeiro destes filósofos a olhar para o mundo e não ver ali um Zeus, uma Hera, um Posídon, mas a água!”. (NIETZCHE, 2011, p. 7) É o início incipiente e gradual deslocamento do mito em direção ao “logos”, à razão.

Surge então assim chamada filosofia pré-socrática, até hoje considerada o fundamento da filosofia ocidental. Começa, gradativamente, a cair por terra a formulação mitológica da visão de mundo e se inicia a pura filosofia. “Em outras palavras, esses homens souberam encarar a natureza – a *physis* – pela primeira vez como objeto em si, e não como mero “disfarce, máscara ou metamorfose” de uma realidade divina, antropomorfizada...” (NIETZCHE, 2011, p. 7)

Segundo chega-nos até hoje, nosso primeiro filósofo não escreveu uma linha sequer. Conhece-se sua escola, a escola Iônica de Mileto, e seu pensamento através de seus alunos (Anaximandro e Anaxímenes) e de algumas citações posteriores que podem ter sido extraídas de originais,

como “Tudo está pleno de Deuses”. Com Tales inicia-se a filosofia com a proposição que é a água o “ἀρχή” ou “arché”, princípio, comando, modelo, elemento primordial único e princípio de todas as coisas.

As formas de saber próprias do Egito, Pérsia, Índia, celtas do norte e hebreus, não obstante as diferenças da nova civilização ocidental (por exemplo, na política, no oriente existiam as monarquias, na magna Grécia, havia a independência de cada cidade, muitas democráticas, aonde muitos – não todos - cidadãos podiam participar ativamente das decisões, do poder; a língua, mesmo havendo muitos dialetos, a língua grega permite alcançar altos níveis de abstração, permitindo inclusive o nascimento do conceito de “autor”; grande diversidade de crenças religiosas, enquanto no oriente existiam as religiões das divindades, na Grécia não havia nessa época um livro sacro ou um centro de poder religioso, e sim os **mitos**), exerceram assim uma importante influência no nascimento da filosofia ocidental, nota-se não só em Tales mas também em outros pioneiros, Pitágoras, por exemplo.

Tais pioneiros partiam de observações empíricas, **“a especificidade da filosofia: a OBSERVAÇÃO”**, Tales deu-se conta que da água, ou melhor, do úmido, originavam-se todas as outras coisas: o recém-nascido vem da água, a semente germina na terra quando chove, etc. A água é a origem da vida. Filósofo, matemático, engenheiro, construtor, astrônomo, viajante, empresário (qualquer semelhança com o homem renascentista não é mera coincidência!) – conta-se que graças aos seus estudos no desenvolvimento da ciência matemática, fez precisos cálculos astronômicos, os quais permitiram que ele fizesse a previsão de anos de excelente colheita, adquirindo assim uma fração de terra própria ao cultivo de oliveiras, obtendo uma farta colheita, conseguindo grandes lucros – famoso por suas previsões astronômicas, desvendou a eclipse solar, que até então era explicada como um sinal de raiva dos deuses, que não estariam contentes com os procedimentos humanos. Tais previsões, claro, renderam muita fama, respeito e reconhecimento a Tales, mas também muitos problemas, a velha resistência de alguns conservadores.

Conta-se que o nosso primeiro filósofo, curioso ao explorar o sol de dia, e as estrelas de noite, muitas vezes, absorto em suas observações, cai, distraído, ao caminhar olhando para o céu, em buracos e poços. Determinada vez, cai em um buraco do qual não consegue sair, e gritando por socorro é acudido por uma mulher, que por sua vez pede auxílio a outros homens, os quais conseguem, finalmente, tirá-lo do buraco. Reza a lenda que tal mulher irritou-se com ele, repreendendo-o severamente, criticando-o por caminhar sem prestar atenção aonde colocava os pés, por estar sempre com a cabeça “no mundo da lua”. Talvez possa ser observado neste episódio o início de um pensamento que, infelizmente até hoje,

erroneamente perdura: a filosofia “é um elefante branco”, não serve para nada de prático, e os seres humanos que não se colocam nunca perguntas nem a respeito de si mesmo e nem a respeito do mundo, não entendem o “causa maravilha!”. Bem, já nosso primeiro filósofo desmente tal engano: por conta de seus estudos científicos, naturalmente desprezando a então atual engessante crença mitológica, foi chamado até o Egito, para medir a altura da pirâmide de Quéops, e segundo conta-se viajou até lá em um barco que ele mesmo havia construído – era considerado um excelente engenheiro e construtor – a qual não era mais possível acessar o seu cume, prestando um enorme serviço. Também empresário de sucesso, etc. (GIANNANTONI, pgs. 3, 4, 5, 1969)

Mas o filósofo é por natureza, atraído e curioso com a realidade, mesmo que para isso deva, às vezes, abstrair-se desta, destacar-se momentaneamente, para, talvez, poder compreendê-la melhor.

O princípio do cosmos, a lei do universo, a lei do cosmos para Tales é a água. “... afirma-se que Tales por primeiro tenha professado esta doutrina entorno da causa primeira...” (ARISTÓTELES, p. 17,2011, trad. nossa)

Giovanni Reali, em sua obra a História da Filosofia Antiga, escreve que Tales coloca-se o problema do início, do princípio, da arqué, em termos racionais, não mítico, princípio é aquilo do qual se deriva, portanto se é e pelo qual se resolvem todas as coisas. Para Tales o princípio é a água: todas as coisas, de fato, nascem a partir da água, são transformações da água e terminam em água, como o rio. Tales parece também, diz Reali, dar um caráter divino à água: “tudo está pleno de deuses”, assim todas as coisas são divinas, mas o deus de Tales não é o deus da mitologia. Segundo Reali, Tales afirma que o possui uma alma porque é capaz de se mover (portanto a alma é princípio de movimento), e que talvez as almas sejam imortais, no sentido de que são água, e a água permanece, e não imortalidade no sentido pessoal.

2.3 O discípulo que supera o mestre

Seu discípulo, amigo e cofundador da Escola de Iônica de Mileto, Anaximandro de Mileto, talvez possa ser considerado como o típico exemplo do discípulo que supera o mestre, muito embora permaneça “oficialmente” apenas Tales como um dos sete grandes sábios da humanidade ocidental. Anaximandro, partindo também de observações empíricas, chega à conclusão que não é a água o princípio único de todas as coisas e sim o que ele denomina, em grego, “απειρον”, ou seja, “ilimitado”. O **apeíron** é a “arché”, a partir deste geram-se todas as coisas e em primeiro lugar os contrários, calor e frio, seco e úmido, doce e salgado –

e, portanto também a água de Tales seria originada a partir do apeíron – e cada coisa é caracterizada pelo limite e, segundo aquele que é considerado o mais antigo fragmento da literatura filosófica grega: Aonde os seres humanos têm origem, também têm a destruição segundo a necessidade, porque esses “pagam uns aos outros a pena e a expiação da injustiça segundo a ordem do tempo”. (GIANNANTONI, pgs. 5, 6, 7, 1969)

O apeíron é imaginado por Anaximandro como uma espécie de quantidade indefinida, indeterminada de **matéria** caótica, primordial, da qual derivam os mundos. Esta quantidade caótica contempla, misturados, todos os elementos, água, terra, fogo e ar, e éter. Como a partir da luta entre Caos e Eros, na visão mitológica, originava-se tudo, esta massa indeterminada dá origem a tudo, com lógica e naturalismo, nasce a Teoria da Separação, os opostos, inicialmente unificados nesta massa sem forma definida, a uma certa altura separam-se, e a partir da harmonia inicial, destacam-se e criam os mundos.

O ciclo vital do universo, tudo está nascendo e morrendo reciprocamente.

Segundo Anaximandro, o ilimitado seria uma espécie de **forma** indefinida, a qual poderia adquirir todas as outras formas, uma **massa** informe, que daria origem a tudo e a todos.

Com a racionalidade, com o “logos”, é possível alcançar a origem de tudo. Não é mais necessário acreditar, ou não, no relato mítico.

Conforme escrito na obra a História da Filosofia Antiga, de G. Reali, deve-se o termo arqué a Anaximandro, e é o apeíron, o infinito indefinido, infinito quantitativo e indeterminado qualitativo, um mínimo denominador comum presente em todas as coisas; o apeíron enquanto indefinido pode-se transformar em todas as coisas sem restringi-las a ter o seu caráter; não era fácil de explicar como todas as coisas derivem da água, dizia Anaximandro de Tales, enquanto a partir do infinitos essas provém por separação dos contrários, operação que Anaximandro chama injustiça e guerra, dado que os contrários separados estão sempre em conflito; o infinito compreende e sustenta todas as coisas e este princípio divino porque é imortal e incorruptível e este divino para ser tal não nasce, é eterno.

Ainda Reali, mas o divino dos pré-socráticos nada mais é que do mundo, é a physis do mundo, a essência de todas as coisas: Anaximandro disse que “os céus infinitos eram deuses”, todas as coisas são geradas por destaque dos contrários, mas este nascer e se dissolver está ligado por Anaximandro a uma culpa, trata-se de fato uma injustiça o nascimento dos contrários que se contrapõem (os contrários de fato estão sempre em luta

contra eles) e que depois morrem como expiação desta injustiça; assim há uma cosmogonia de infinitos mundos que se origina a partir da separação calor/frio (primeira dupla que se separa), que se tornam fogo e água, a água torna-se terra (a ilha de fato surge do mar que a produz), e também ar, mundos que continuamente nascem e morrem. O calor formou repentinamente uma bola de fogo que depois o ar (que se formou pelo encontro do calor com o frio), subindo, despedaça a esfera de fogo em três esferas: sol, lua e fogo etéreo e as envolve como uma bainha arrastando-as em um movimento circular. O ar suga a bainha que separa o fogo etéreo do sol e da lua. Eis porque nós vemos as estrelas olhando para o alto, essas são na realidade o fogo do trio que podemos ver devido a ruptura da bainha e, a partir do frio em forma líquida formaram-se a terra e o mar: a terra tem uma forma cilíndrica e não tem nenhuma necessidade de sustentação estando em uma situação de equilíbrio de forças (em Tales a terra tinha a necessidade de sustentação do mar), a partir do elemento líquido, sob a ação do sol, tiveram origem os seres vivos: os primeiros foram os animais aquáticos, depois os outros que se adaptaram progressivamente terrestre.

Qualquer semelhança com as teorias mais aceitas hoje, não pode ser mera coincidência!

2.4 O unificador dos dois primeiros

Anaxímenes, o terceiro autor da Escola Iônica de Mileto, parte também em busca do arque: o ar. Porque o ar? Porque é o ar o princípio que dá a vida a tudo. A vida do universo e a vida do homem vêm de um respiro vital. Elemento natural, como a água de Tales, mas indefinido e indeterminado como o apeíron de Anaximandro. A condensação transforma o ar em água, terra, e a rarefação transforma o ar em fogo. O ar é o princípio único que sustenta todo o universo. Através deste “logos” compreende-se a origem e o princípio de tudo. (GIANNANTONI, pgs. 7, 8, 1969)

Segundo Reali, Anaxímenes corrige o seu mestre Anaximandro: para ele o princípio é sim infinito, mas não indeterminado, a arqué é o ar, que é algo de intangível que pode assumir qualquer forma por rarefação (fogo) e condensação (nuvens, água, terra, pedra, etc.), o ar está em todas as partes, é invisível e imperceptível, está próximo ao incorpóreo. Também, segundo Reali, os antigos contam que Anaxímenes havia chamado deus o ar e deuses as coisas que derivam do ar.

Qualquer semelhança com a teoria estoica do “pneuma” certamente também não se trata de uma mera coincidência.

2.5 O número é a substância de tudo

Pitágoras, de Samo, (570 aproximadamente – 497/496 a. C., cuja escola perdurou até o século IV a. C.) apresentava-se aos seus alunos sempre vestido com túnica branca, simbolizando pureza e lecionava atrás de um pano branco para que seus alunos não o vissem. O acesso a sua escola era muito difícil, pois nos primeiros estádios ele exigia de seus discípulos a completa afasia (estado no qual era proibido pronunciar qualquer palavra) e isso poderia durar muito tempo, privilegiando assim o escutar, também era “conditio sine qua non” a castidade, dado que seus seguidores deveriam doar-se de corpo e alma exclusivamente à filosofia. Tais ensinamentos pareciam basear-se em graus de ensinamento crescentes: partindo de “ακουσματα” (coisas escutadas), noções de introdução aos números, formas geométricas, e ainda preceitos comportamentais claros e diretos – evitar exageros, por exemplo, também na alimentação, dever-se-ia comer pouco – à “μαθηματα”, objetos de aprendizagem mais altos, como disciplinas de matemática, com a sua respectiva mística, e doutrina escatológica¹. Em estreita ligação com a doutrina pitagórica estava o orfismo – teogonia e cosmogonia na qual no início de tudo existia uma unidade perfeita, o ovo primordial ou noite, o qual, partindo-se dá origem de seus separados, fato que necessitará um ciclo de reintegração das partes na unidade do todo, desembocando na teoria da salvação - contemporâneo ao pitagorismo. A tese de Pitágoras: Os números constituem o princípio e a essência de todas as coisas. Para Pitágoras a arquê são os números. Também em Pitágoras é possível compreender e explicar tudo através do “logos”, não obstante a conotação de seita adquirida pela sua escola. (GIANNANTONI, pgs. 9,10,11,12 e 13,1969)

*“Entre todos, resta interessante o conceito de número de Pitágoras. O número é uma forma que define um inteiro e individua a posição entre os outros inteiros relativos. Depois o **conceito matemático** é uma convenção lógica funcional entre o homem e o real, entre a nossa lógica e a posição das coisas.”* (MENEGETTI, 2015, pg. 106)

“Conta-se que Pitágoras, interrogado sobre quem fosse, não se definiu σοφος, e sim φιλοσοφος, amante da σοφια”. (MENEGETTI, 2009, p. 173)

Os primeiros filósofos eram denominados sofistas, exemplificados nas figuras posteriores de Protágoras e Górgias, do grego σοφος, sábio, sapiente e, sendo estes hábeis oradores, já começavam a instrumentalizar seus discursos como “arte de persuasão”, sobretudo para fins políticos, nem sempre levando em consideração a verdade absoluta dos fatos, mas uma

mentira que serviria a uma causa maior, essa sim pelo menos considerada uma verdade do ser. Então Pitágoras define-se como alguém que não se julgava necessariamente detentor da verdade com base ontológica, mas apenas, um amante desta.

“A palavra grega que designa sábio origina-se etimologicamente de *sapio* – “eu saboreio”, *sapiens* – “o saboroso”, *sysifhos* – “o homem com gosto mais picante”. (NIETZCHE, 2011, p. 45)

“Na língua latina existe o termo *sapiens* (=sábio) – participio presente do verbo “saber”, que significa seja conhecer, seja ter sabor – que indica que o ente é gostoso, o sábio é **aquele que se atualiza no prazer do ser.**” (MENEGETTI, 2009, p.173)

Contudo, segundo a História da Filosofia Antiga, de Reali, seria preferível falar dos pitagóricos e não de Pitágoras porque ele não teria deixado nada escrito, sendo assim um problema afirmar se os textos a ele hoje atribuídos não teriam sido escritos por seus discípulos, sabendo-se que funda uma espécie de seita religiosa, de doutrinas secretas, onde a ciência era estudada como meio para alcançar um fim comum, tendo sido Filolaus a divulgar sua doutrina nos tempos de Sócrates: o número é o princípio; estamos em nível de abstração superior: agora o princípio sempre presente em cada coisa é o número. Os pitagóricos foram os primeiros cultuadores sistemáticos da matemática, viram portanto a possibilidade de traduzir em relações numéricas os fenômenos da realidade, por exemplo a música com os critérios da harmonia, com os diversos sons que dependem dos comprimentos das cordas do instrumento, tudo é sempre uma sequência ordenada, as estações, os dias, os nove meses do feto, as quatro estações, que se repetem com regularidade, e os números, por sua vez, são constituídos de elementos que são pares ou ímpares, com exceção do um que é “parímpar”: esse gera os outros números acrescentando um número par ou ímpar e são o limitado e o ilimitado que a partir de sua união geram o número. Estes elementos dos números são a arqué, assim quando nessa união prevalece o limitado temos os números ímpares (e por isso são mais perfeitos), se prevalece o ilimitado temos os números pares. Dessa maneira o número torna-se força limitante que age sobre a realidade ilimitada, que têm massa, ocupam espaço, com o correspondente ente geométrico, figuras sólidas, e a essas os elementos: o cubo é a terra, a pirâmide o fogo, o ar o octaedro e a água o hexaedro: o número sustancia todas as coisas e cada coisa que existe é reduzível a um número, e isto significa que tudo é ordenado, que todo o cosmos é ordenado por leis precisas: agora o mundo não é mais domínio de forças escuras, o domínio do número indica o domínio da racionalidade e da verdade.

Também, segundo Reali, é preciso considerar que o orfismo era diferente daquela “religião” do Olimpo. O orfismo pois considerava a alma um “demônio”, isto é, uma realidade divina encarcerada o corpo por uma culpa originária, a qual no momento da morte encarna-se em outro corpo. Os pitagóricos pensavam porém na liberação do corpo, no final de um ciclo de reencarnação o retorno ao divino, mas não com os ritos do orfismo mas sim através do estudo e de uma vida contemplativa (feita de regras, medicina, música, etc.), isto é, a ciência deles era um meio de purificação para este fim: contemplar a realidade matemática tem um valor catártico e aproxima o homem àquilo que é perfeito, divino. O misticismo dos pitagóricos é do tipo **racional**, apesar da tentativa frustrada de identificar deus com a sua doutrina: sendo o princípio ilimitado irracional tornou-se impossível a identificação com um deus. De qualquer forma, devendo deus coincidir com o perfeito, faria referência à determinação do indeterminado, à harmonia. Assim, deus estaria identificado com o número 7 – ou como fizeram os neopitagóricos com o um – que não gera e não é gerado. Também as almas, por coerência, seriam identificadas com um número, mas isso anularia as suas individualidades. Na verdade a doutrina pitagórica cai em aporias quando procura de definir questões suprassensíveis, deus, alma, em termos de filosofia da natureza.

2.6 Com o filósofo do logos nasce a Ontologia

Com Heráclito, de Éfeso, aparece pela primeira vez, abertamente, o “λογος” ou logos – do qual “logia”, discurso, descrição, estudo, **racionalidade** – ou melhor, a ontologia, contemporaneamente a Parmênides, de Elea, e destes felizmente chegaram até nós diversos fragmentos de suas obras. Em Éfeso, na época, predominava a cultura do *logos*, havia o “Hino ao Logos”. “O “Hino ao Logos” era uma síntese sobre a concepção da origem e manutenção do mundo conexo com o princípio transcendente divino.” (MENEGETTI, 2015, pg. 106)

Considerado superficialmente o filósofo do “devir”, porque na verdade é o filósofo do “logos”, Heráclito era polêmico. Antidemocrático, dividia os homens em duas categorias: os que dormiam, pois não tinham alcançado determinado grau de consciência, e os que já estavam acordados, e estes últimos eram, de fato, muito poucos, sendo basicamente os filósofos. Eremita, que se isola na montanha comendo apenas ervas, adoece, e constata em seu corpo um aumento exagerado de líquido. Seguramente uma personalidade como a dele jamais procuraria um médico, afinal, que filósofo seria ele se ele mesmo não soubesse a causa de sua doença e a respectiva cura. Aliás, considerava os médicos pessoas não confiáveis. Manda fazer um buraco na terra e se enterra, permanecendo

apenas com a cabeça para fora. Claro, como para ele o melhor símbolo para o seu arché, o logos πολημος, “pólemos”, guerra, conflito, embate, era o logos fogo, elemento único e primordial, a partir do qual todo o universo teria origem, base assim de sua filosofia da colisão entre opostos, executa a sua própria cura: a terra secará a água em excesso de seu corpo. Ordena também que coloquem esterco de vaca próximo a sua cova, pois assim ele secaria mais rápido. Não deu certo. Seus colaboradores o abandonaram a própria sorte, até mesmo porque, segundo ele próprio, “um acordado vale por 1000 dormidos”, e, segundo nos chega até hoje, sua cabeça foi comida por cachorros. (GIANNANTONI, pgs. 14,15,16,17,18,19,1969) Disse Heráclito: “Eu indaguei só a mim mesmo”. (MENEGETTI, 2008, pg. 64)

A metáfora era: **o ser é como um rio**, no qual é impossível que nos banheemos duas vezes nas mesmas águas. A origem de tudo é o “pólemos”, cujo símbolo é o fogo. E o devir dá-se sempre através da luta (πολεμος = guerra), a arché, entre opostos: o devir de todas as coisas é o resultado do perene conflito que a tudo pertence e origina a permanente transformação: παντα ρει. Heráclito afirmava que tudo era uma constante mudança, “παντα ρει”, “tudo escorre”. E basta o “logos” para certificar o Ser que devém, sem fé ou crença, seja em mitos, ou divindades, ou Deus.

Giovanni Reali, em sua obra a História da Filosofia Antiga, descreve um Heráclito, mesmo sendo um filósofo da natureza, não procura o princípio em um elemento material, mas nas condições, nos estados, no fluir, dado que o devir que regula o mundo é um devir ordenado, possui um logos.

2.7 A arqué é “o Ser é, o não Ser não é.” Critério científico e fundamento da Ontologia: o provável discípulo de Xenôfanes

Já seu contemporâneo e opositor, Parmênides, de Eléia, por sua vez, afirma que tem algo sim que não muda nunca, existe um motor imóvel, o Ser, “O Ser é, o não Ser não é”. A arqué é o Ser, obtida através do próprio “logos”: é a racionalidade fundamentada no Ser o único acesso ao próprio Ser.

O poema de Parmênides, Sobre a natureza, chegou até nós incompleto, o que não torna uma tarefa fácil a reconstrução do pensamento do grande “pai” da Metafísica, mas, principalmente, da Ontologia, e da moderna lógica. Criador da Escola Eleática, aristocrática e elitista, grande adversária da escola de Éfeso.

Mas antes de aprofundar “a pedra fundamental” do estudo dos elementos “a priori” que dão a base do conhecimento, a ontologia, ou usando um termo aristotélico, o substrato, isto é, o que está por baixo,

destes elementos que permitem o nascimento da ciência ontológica, a qual, por sua vez, permite depois o desenvolvimento de todas as outras lógicas e ciências, é preciso explicar como um poema vem a ser estudado em um artigo que tem a intenção de ser científico: porque é a criação da lógica ôntica como fundamento único à racionalidade ou o “λογος” como mediador entre o Ser metafísico e o ser comum, ser individual, existência. O “logos” de Parmênides é arché. A razão não parte mais da crença em um mito, convicção sem evidência, fé em divindade ou santo, etc., mas sim do princípio evidente da identidade, embora ainda Parmênides utilize a linguagem mitológica de divindades. Só depois os princípios de **identidade** e também o de **não contradição** fundamentarão a própria filosofia, a física, a matemática, a geometria, até mesmo a informática, etc.

Mas para explicitar isto, faz-se necessário antes de mais nada compreender o ambiente e cultura vigente na península itálica, mais precisamente na cidade de “Eléia”, um pequeno pedaço de paraíso terrestre às margens do mar Tirreno, a sudoeste, hoje a cidade de Velia, a qual abriga, ainda hoje, um instituto dedicado ao pensamento deste autor. Na época da ocupação pelo grande império grego, Eléia era uma cidade totalmente integrada à magna Grécia, com a liberdade concedida a cada cidade, de cunho absolutamente aristocrática: o poder era reservado somente a alguns cidadãos. Em meio à elite social a linguagem poética era considerada a linguagem superior por excelência, em um certo sentido, até hoje se atribui à poesia uma elevação mental ao humano, ou a sublimação para tantos percalços existenciais e instintos não realizados adequadamente. Na época, o que havia de mais profundo, de qualidade e elevado era escrito na forma de poesia: Homero e Hesíodo eram considerados o ápice da cultura vigente. Assim, a poesia era a forma mais elevada, no conhecimento humano e o meio como atender à alta aristocracia heleática. E, assim como a escola pitagórica, adquiriu fama de caráter de seita religiosa, também a escola heleática, que o poder derivava do alto, dos deuses, devido à linguagem poética e mitológica, não obstante a sua obra deixe claro a conotação laica dos princípios lógicos por esta descobertos. **A separação do mito não se deu abruptamente.**

“Não acaso esta filosofia apareceu como uma tentativa de racionalizar o mito tornando-o laico e o atualizando, por assim dizer, à mudada sensibilidade religiosa e à renovada situação cultural. O fim não é salvar a todo custo o mito nem sepultá-lo, mas criar um novo saber que não necessariamente rejeita o passado, e sim o aceita somente nos modos e na medida na qual esse é admitido pelo valor crítico da nova cultura.”
(GIANNANTONI, 1969, pg. 5, trad. nossa)

Hoje, muitas e muitas traduções, ou mesmo até “versões” desta obra existem. Destas, escolheu-se a fonte citada na bibliografia e transcrita integralmente no Anexo.

PROÊMIO Fragmentos 1 versos 1 - 32

*“As éguas que me levam até onde o ânimo deseja alcançar, transportavam-me, depois que partiram conduzindo-me na direção da via de muitas vozes, a qual pertence à divindade, que leva em todos os lugares o **homem que sabe**;”*

“e lá me levavam as éguas sábias puxando o carro, e mulheres puras e jovens mostravam a estrada”

*“os eixos das rodas emitiam um ruído a partir da parte côncava, inflamando-se (de fato era espremido por ambas as duas partes por dois bem trabalhados círculos), cada vez que as jovens puras Helíades, filhas do sol, aceleravam a corrida, depois de terem **deixado as casas da noite, na direção da luz, tirando-se com as mãos o véu da cabeça.**”*

“Lá se encontra a porta que divide os sentimentos da noite e do dia, e uma arquitrave e uma soleira de pedra delimitam-na a partir de baixo e a partir do alto; essa erguida no éter, está fechada por grandes impedimentos: dessa a Justiça, que pune fortemente, possui as chaves que abrem e fecham.”

É o “**homem que sabe**”, não qualquer homem, é sobretudo um privilegiado porque escolhido, é o homem que é consciente, pois iluminado, que adentrou em seu inconsciente, o qual tornou luz a própria escuridão, mas para tal foi escolhido, o qual faz por merecer o acesso à verdadeira sabedoria, que deriva da divindade. É um homem escolhido pela divindade.

São as mulheres puras e jovens que dão o acesso a verdade. Parmênides é um servo da Verdade. É um homem excepcional.

É o “homem que sabe”, não qualquer homem, é o homem que conhece, que adentrou em seu inconsciente, que deixou as trevas e caminhou em direção à luz, o qual tornou luz a própria escuridão, mas para tal foi escolhido, o qual faz por merecer o acesso à verdadeira sabedoria, que deriva da divindade. É um homem escolhido pela divindade, para ser depositário da verdade, um saber que deriva do alto, um iluminado.

Mas também as mulheres puras – segundo Meneghetti, a pureza é a imediatez do ato – e jovens deixaram as suas “casas da noite”, cumpriram a ab-reação, tornaram-se conscientes de seus inconscientes, e através do exercício da ação concreta, conseguiram enxergar o removido.

Paráfrase Fragmento 1

“A minha inspiração filosófica e poética, a minha imaginação e a minha inteligência, que são em condições de levar, como velozes éguas, a minha mente até onde o meu ânimo deseja, conduziam-me na direção da via, que pertence à divindade, que leva o homem que sabe e pesquisa o saber a conhecer tudo.”

*“A minha inspiração levava-me e as jovens puras Helíades, filhas do sol, **iluminavam o meu caminho de pesquisa racional da Verdade.** Essas me levaram das casas da noite e da ignorância humana na direção da luz do dia e do conhecimento divino. Guiaram-me até a gigantesca porta que divide os sentimentos da noite e do dia; a lei divina que governa o mundo possui as chaves da porta.*

“As jovens puras então a persuadindo com doces palavras com cuidado convenceram-na a tirar a trava da barra velozmente da porta: esta, abrindo-se produziu uma vasta abertura dos impedimentos, fazendo girar em direção vencedora nas partes côncavas dos cardãs os eixos de bronze fixados com pregos e firmes: por ali portanto as jovens puras guiavam carro e éguas ao longo da estrada mestra. E a deusa benévola acolheu-me e pegou com a mão a minha mão direita, e assim falava e me dirigiu a palavra: Oh! Jovem, companheiro de imortais guias, que vens até a nossa casa com as éguas que te trouxeram, alegra-te, porque não um destino ruim enviou-te a seguir esta via (esta de fato está fora do alcance dos homens), mas vontade divina e justiça. É preciso que tu aprendas todas as coisas seja o sólido coração da bem redonda verdade seja a opinião dos mortais, nas quais não têm verdadeira certeza. Mas apesar disto também estas coisas aprenderás, como seria necessário que fossem verdades as aparências que passam todas continuamente.”

“As jovens puras Helíades convenceram esta divina cústode da porta a abrir-lá para nós: assim pude aceder à sabedoria divina. A rainha das deusas acolheu-me com bondade e assim me disse: Oh jovem, que – guiado pela inspiração e pela luz da ciência – chegas até a nossa casa, alegra-te, porque não um destino ruim enviou-te a seguir esta via (esta de fato está fora do alcance dos homens), mas vontade e justiça divinas.

É preciso que tu aprendas todas as coisas, seja a Verdade conhecida somente pelos deuses, seja a opinião dos mortais, seguidamente falácias; aprenderás também como é preciso interpretar as aparências que continuamente passam diante dos olhos dos mortais.”

São as mulheres puras e jovens que conduzem Parmênides pelo caminho que levará à verdade. Parmênides é um servo da Verdade. É um predileto pela natureza. Mas a decisão final de acesso, ou não, à dimensão

da verdade, do Ser, é confiada a uma deusa: Dike, a deusa da justiça, não obstante sejam as mulheres que, independentemente da idade mantenham a pureza (imediatez do ato) e a juventude, são a mulheres que conseguem tirar o véu de seus rostos, as quais assumem as próprias naturezas de fêmeas, sem mais esconderem a própria personalidade e feminilidade, como permanente conexão com os próprios instintos sadios como acesso à dimensão metafísica, intercedam junto à deusa para obter a autorização.

O DISCURSO SOBRE A VERDADE

Fragmento 2 Versos 1 - 8

*“Se muito eu falo, tu acolhes e escutas o meu discurso, somente quais vias de pesquisa são pensáveis: a primeira, que **o ser que é e que não é não ser**, é a estrada da Persuasão (de fato acompanha a verdade), a segunda: que **o ser não é e que é necessário que não seja**, isto eu te ensino que é um sentimento completamente desconhecido; nem de fato poderias conhecer o não ser (não é de fato possível) nem poderias exprimi-lo.”*

Fragmento 3

“...é de fato a mesma coisa pensar e ser.”

Fragmento 2

*“Eu te explicarei todas as coisas, e tu escutes o meu discurso que te esclarecerá quais são as únicas vias de pesquisa pensáveis: a primeira: que o ser, aquilo que existe, existe estavelmente e não é um fluído processo que se torna, é a estrada da Persuasão e da Verdade, a segunda: que o ser, aquilo que existe, não existe mas é um contínuo devir, que se transforma em um outro a partir de si mesmo, que nasce e morre, que muda cor e lugar, constitui um sentimento completamente impraticável; de fato se o ser não existisse não poderias conhecê-lo (não é de fato possível conceber, pensar e conhecer, aquilo que não existe), nem poderias exprimi-lo. **O pensamento é pensamento do ser: se penso, penso o ser, penso que é, que existe; não posso pensar o não ser, aquilo que não existe, o nada.**”*

E a deusa Dike atende as jovens puras e o pega pela mão e diz a ele que ele teve uma oportunidade única, não por acaso, de conhecer a Verdade – e a Verdade é o Ser metafísico - e não a opinião, poderá abandonar a “doxa”, e mais: “Agora eu te direi e tu recebas e escutes a minha palavra: quais são as vias de pesquisa que só se podem pensar, uma **é que é e que não é possível que não seja**, é o sentimento da

persuasão, porque tem por trás a **verdade**, e a outra que **não é e que é necessário que não seja**. A luz, o dia, a verdade é acessível porque uma deusa, a Justiça, o **critério de medida** exato, a justa proporção e correção, a harmonia dos instintos, sentimentos e realizações. Nem a mais, nem a menos, mas na justa medida, para evitar a punição, a perda desta “divina” proporção, ou melhor, a medida ínsita na própria natureza. É preciso ser forte para chegar à verdade. Obtida a permissão para entrar, mais uma vez, o aspecto metafísico humano, aonde seguramente podemos decidir e controlar até um certo ponto, a partir do qual somos efeito de uma inteligência maior. Certamente não por acaso, existe uma precisa inteligência por trás. Existe uma verdade apenas, e tem a forma de uma esfera, porque perfeita e tem tudo. Mas ser um “sortudo” que conseguiu alcançar a verdade não basta. É preciso conhecer também a “doxa”, as opiniões que não correspondem, não são reversíveis com a verdade, com a evidência da realidade.

Eis que acontece a intuição, “através da revelação divina”: a primeira via de pesquisa é que é e que não é possível que não seja, a VERDADE e a segunda que não é e que é necessário que não seja: férrea lógica, fria, sem sentimentos, sem emoções: “O ser é, o não ser não é”. Ou seja, aquilo que é não é possível que não seja, O SER NÃO PODE NÃO SER, porque aquilo que é não pode conter em si o que não é. O SER É O SER: é o **princípio de identidade** aplicado ao verbo ser e a tudo que é. E portanto, o não ser não é, e não pode ser. O não ser não pode conter nem mesmo o não ser, não é pronunciável porque o nada não é.

O ser é e não pode não ser: aplicação do princípio de identidade ao verbo ser, aquilo que é não pode conter o que não é: ou é Eunice ou não é. O não ser não é, enquanto não pode ser: porque se não é Eunice, não poderá ser Eunice. Aplicação do mesmo princípio de identidade em negativo.

Férrea lógica matemática: só é possível chegar à verdade através da lógica, da razão, do logos. Ou como diria mais tarde, entre outros, Platão, só é possível alcançar a verdade através da racionalidade. Os sentidos levam ao erro, a um mundo que devém, portanto falso.

Fragmento 8 Versos 1 - 61

*“Permanece ainda um só discurso da via (aquele que diz) que é: sobre esta existem muitíssimos sinais, que o ser é não gerado e imperituro, é de fato inteiro, **imóvel** e sem fim, não alguma vez era e alguma vez será, porque é agora todo junto, **uno**, contínuo: qual origem de fato procurarás deste? Como e de onde teria crescido? A*

*partir do não ser não te permitirei de dizê-lo e nem de pensá-lo: não é de fato absolutamente dizível nem pensável aquilo que não é. Qual necessidade teria impulsionado ele, se começasse a partir do nada, a nascer depois ou antes? Portanto é necessário o que seja de tudo ou o que não seja por nada. Não jamais força de certeza concederá que a partir do ser nasça alguma coisa ao lado deste: a causa disto a Justiça não lhe concedeu nem de nascer nem de perecer liberando-se das correntes, mas o mantém parado, a escolha no que diz respeito a estas coisas está nisto: **é ou não é**, julgou-se portanto, como é necessidade, de abandonar uma via que é não pensável e não nominável (não é de fato a via da verdade), e que a outra ao invés existe e é verdadeiramente.”*

Fragmento 8

*Eliminadas as erradas vias de pesquisa, que o ser não é, que as coisas que não são possam existir, e que o ser e o não ser sejam a mesma coisa e contemporaneamente não a mesma coisa, permanece somente uma afirmação: **que o ser existe estavelmente**. Que o ser, aquilo que existe no cosmos não é gerado e imperituro, inteiro e imóvel e sem fim, é demonstrado pelo fato que não alguma vez no passado “foi” e depois terminou, não alguma vez no futuro “começará a ser” mas agora não é, mas sim existe agora, é aqui todo junto, uno, contínuo. Não pode ter nascido do nada, isto é, do não ser, porque o não ser não existe e não é pensável nem dizível. Nem pode ter nascido do ser: se o ser gerasse um outro ser junto consigo, haveria uma quantidade de ser maior que antes; portanto este a mais de ser, esta parte recém-nascida de ser, apresentar-se-ia ex-novo, por isto – mesmo derivando do ser, emergiria seja como for a partir do nada, a partir do não ser. Portanto a lei divina não lhe concedeu nem de nascer nem de perecer, mas o mantém parado, prendendo-o com correntes.”*

“Como o ser poderia nascer depois? Como poderia ter nascido? Se de fato nasceu, não é, nem é se si prepara para ser. Assim o nascimento apagou-se e a morte é ignorada. Nem é dividido porque é todo igual: nem tem em alguma parte um a mais de ser, que possa impedi-lo de ser unido, nem um de menos, mas é todo pleno de ser. Por isto é todo contínuo: o ser de fato aproxima-se ao ser. Mas imóvel nos limites de grandes amarras é sem um início e sem um fim, porque o nascimento e a morte foram repelidos muito longe, expulsou-as uma verdadeira certeza. E permanecendo idêntico no mesmo lugar, jaz em si, e deste modo permanece aqui saldo: de fato a dura Necessidade (= Destino) mantém-no nas amarras do limite, fecha-o entorno, porque é estabelecido que o ser não seja incompleto, de fato não necessita de coisa alguma: de outra forma teria necessidade de tudo. Se de fato tivesse nascido, não seria sempre existente, e não seria sempre existente se devesse ainda nascer. Nem é dividido em múltiplas “coisas”, porque é todo igual, homogêneo e isso denso: nem tem em alguma parte um a mais de ser, que possa dividi-lo, nem um de menos, mas é todo pleno de ser. Por isto é todo contínuo: o ser de fato aproxima-se ao ser. Mas imóvel nos limites dos grandes ligames é sem princípio e sem fim, porque o nascimento e a morte foram

repelidos para muito longe, e isso capturou uma verdadeira certeza. E permanecendo idêntico no mesmo lugar, jaz em si e permanece aqui saldo: de fato a dura Necessidade (=Destino), tem-no nos ligames do limite, fecha-o entorno. Se fosse infinito, seria inconcluído e, se fosse inconcluído, faltaria sempre alguma coisa.”

“A mesma coisa são o pensar e a coisa pensada. De fato sem o ser, no qual assume nome, não encontrarás o pensar: nada mais de fato existe ou existirá fora do ser, porque a “Moira” (=Destino) constrangeu-o”

“A partir da intuição do ser nasce o pensamento, por isso sem o ser não encontrarás o pensar. A mesma coisa são o pensar e a coisa pensada. Assim sem o ser existente, no qual o pensamento de existente assume o nome de existente, não existe o pensamento de existente: de fato pode-se pensar somente aquilo que existe. O pensar toma nome na coisa pensada, que é o ser. O pensamento aplica-se ao ser e nesse assume nome. Quando a mente pensa, pensa o ser e no momento no qual o pensa atribui para aquele seu pensamento aquele nome. Infelizmente os homens, quando percebem e por isto conhecem uma manifestação do ser, por exemplo a maçã e a atribuem um nome, que é neste caso aquele de “maçã”: disto depende a multiplicação de inúteis nomes. O erro dos seres humanos foi aquele de terem confiado nos seus olhos e ouvidos, que mostraram para eles tantos entes mutáveis, que nascem e perecem, que às vezes existem e às vezes não existem, que mudam lugar e cor, de modo que esses conferiram a eles tantos nomes, um para cada um. Mas estes numerosos entes são apenas manifestações do único ente realmente existente que é o ser: este somente deveria ser nominado.”

“para ser inteiro e imóvel, a este único ser serão atribuídos tantos nomes quanto são as coisas que os mortais propuseram, acreditando que fossem verdadeiras, que nasceram e pereceram, que existiram e não existiram, que mudaram lugar e mudaram luminosa cor. Mas uma vez que existe um limite extremo, é limitado, a partir de cada parte similar à massa de bem redonda esfera, a partir do centro igual em cada parte: de fato é necessário que este não seja nem maior nem menor em uma parte ou em uma outra.”

“Existe apenas o ser. Este ser, que é único, vem percebido pelos seres humanos como composto por múltiplas coisas, por todas as coisas que os nossos olhos cotidianamente mostram-nos; cada um destes aspectos com os quais o ser mostra-se aos nossos falaciosos sentidos, cada uma destas aparentes manifestações do ser – aspectos e manifestações que nascem e perecem, que de vez em quando são e de vez em quando não são, que mudam lugar ou cor – recebeu um nome dos homens, que estão erroneamente convencidos que tais aspectos e manifestações existam realmente.”

“Mas uma vez que o cosmos tem um limite extremo, imposto pela Lei Divina, o ser é limitado, a partir de cada parte similar a uma esfera bem redonda, a partir do centro igual em toda parte, de fato este não pode ser maior em um ponto e menor em um outro ponto.”

“Nem de fato tem um não ser, que possa fazê-lo desistir de alcançar a ser igual sobre toda a sua superfície, nem é possível que o ser pertença ao ser a mais aqui e de menos lá, uma vez que é tudo não forçado, a si de fato por toda a parte igual, em modo igual vem a contato com as fronteiras. Com isto interrompo para ti o discurso digno de fé e a reflexão entorno da verdade: de agora adiante aprende as opiniões dos mortais escutando a enganável construção das minhas palavras.”

“Nem de fato tem um não ser, que possa impedi-lo de alcançar o ser esférico, nem é possível que o ser seja mais saliente em uma parte da superfície e menos em uma outra parte, uma vez que esse todo não é prensado nem saqueado por alguém (porque existe apenas esse), portanto adquire a forma mais natural e perfeita, que é aquela esférica e grita nas fronteiras impostas pela Divindade, ocupando todo o espaço existente, que coincide com si mesmo. Com isto interrompo para ti o discurso digno de fé e a reflexão entorno da verdade: de agora em diante aprende as opiniões dos mortais escutando a enganável construção da minhas palavras.”

Eis a pura Ontologia: aplicação do princípio de identidade ao próprio ser. A verdade é que o ser é. Seguem agora as características do Ser. Para Parmênides o ser é basicamente **único, estável, estático, imóvel, finito** o motor imóvel gerador de tudo e que nunca foi nem será gerado, é **eterno**. Mais tarde, não só o Cristianismo, mas também a grande Ontologia de Platão, e também Aristóteles daqui partirão. A Ontologia de cunho metafísico. Parmênides, sofre o raptó que o leva além da “fisis”, porque foi escolhido para isto, e só assim pode conhecer a verdade, **a arché: O ser é, o não ser não é**: o logos do Ser. Base fundamental da Ontologia metafísica: a lógica ôntica, palpável, demonstrável mas não opinável e sim dedutível através da lógica, ou seja, “ratio”, razão: medida, proporção, perfeita harmonia.

E o ser é **único**: porque se fosse múltiplice, o ser seria A, B, C,... mas se A não é B, se B não é C,... mas o ser não é possível que não seja, então não é possível que seja múltiplo.

É **imóvel**, estático porque se se movesse passaria do lugar A para o lugar B, mas quando é em A, não é em B, e quando é em B não é em A, e o não ser não é possível que seja. Tal mobilidade implicaria uma passagem do ser ao não ser, mas não é possível que o ser não seja nem que o não ser seja.

É **finito**, é completo, não tem necessidade de nada, porque se faltasse alguma coisa não teria, não seria, e isso não é possível. O que falta é não ser, e o não ser não é possível que seja. É homogêneo.

É **eterno**, no sentido que não nasce nem morre, porque se nascesse isto implicaria uma passagem do não ser ao ser, mas como não é possível que o não ser seja, este não pode passar do não ser ao ser, é imortal, porque se o ser morresse haveria a passagem do ser ao não ser, mas não é possível que o ser não seja, portanto este não pode ser antes e depois não ser. Não é possível a alternância: ou é, ou não é. É contínuo. Bem mais tarde, Agostinho, de Hipona, resolve esta questão.

É **necessário**: não é possibilidade, ou não é acidental (Aristóteles) porque A não poderia ser B, e isso não é possível, porque se é possível uma coisa a outra não é.

É **imutável**, porque se mudasse isto implicaria uma mudança de um estado A para um estado B, mas ou é A ou é B, porque A não é B. É o ser perfeito, verdadeiro e autêntico, ou o ser que responde aos seguintes princípios.

Todos os atributos do Ser parmenídeo são fundamentados então nos seguintes princípios:

- (1) O princípio de identidade: A é igual a A: o Ser é. E é o Ser com esse maiúsculo porque faz referência ao Ser metafísico, não está somente no mundo que vivemos, não é o ser que aparece com várias fenomenologias que vemos na existência – como o ser de Heráclito, o ser comum – e eis porque Meneghetti afirma que é o único autor que compreendeu o Ser como ele;
- (2) O princípio de não contradição: dados A e B, ou A é igual a B, ou A é diferente de B, não há outra possibilidade.

O DISCURSO SOBRE A OPINIÃO

*“Formas de fato propuseram de chamar **duas opiniões**, uma das quais não é necessário – nisto erraram – nem distinguiram o aspecto como coisas opostas e colocaram nomes separadamente o uno pelo outro, de um lado o fogo celeste da chama do sol, que é benigno, levíssimo, idêntico em cada parte a si mesmo, mas não idêntico ao outro, mas puseram também a outra coisa por sua conta como coisas opostas, a noite escura, corpo denso e pesado. A ti eu exponho completamente o ordenamento **verossímil** do mundo como aparece aos seres humanos uma vez que jamais uma opinião dos mortais superar-te-á.”*

“De fato desde a antiguidade os seres humanos individuaram duas opiniões suas, duas aparências, e consideraram erroneamente que fossem duas identidades reais, ao invés era uma somente - então iniciaram historicamente o seu erro e o seu errado modo de

*interpretar a realidade – consideram-na coisas opostas e deram seus dois nomes distintos, e a uma chamaram **Luz**, que é benigna e levíssima, e a outra chamaram **Treva**, que é densa escura e pesada. A ti eu exponho completamente o ordenamento verossímil do mundo como aparece aos seres humanos, uma vez que jamais a opinião de um dos mortais superar-te-á.”*

Contudo, apesar da férrea lógica destes dois fundamentais princípios, Parmênides apresenta-nos uma terceira via, entre aletéia e doxa há porém uma espécie de meio termo, que é o **verossímil**, ou a **opinião plausível**, mas também colhível somente através do logos, ou o que mais se aproxima à verdade ontológica. A porta em direção ao sol é fechada, porque a verdade esconde-se e poucos são capazes de acessá-la.

A equação entre a **verdade**, conhecida apenas pelos deuses, os homens que conseguiram ter acesso na existência ao Ser metafísico e a **opinião** dos mortais, “seguidamente falácias”, aqueles homens que não conscientizaram as próprias dimensões “divinas” neles ínsitas é resolvida pelo autor com a passagem para a terceira via: a **interpretação** que é necessário fazer pois os mortais não enxergam o Ser metafísico e, dessa maneira é preciso encontrar uma solução que não traindo a própria verdade ontológica, seja compreendida e aceita pelos “mortais”: o **verossímil ou a opinião factível**.

Parmênides viaja a Atenas quando já havia por volta de 65 anos, acompanhado de seu fiel discípulo Zenão, o qual, diga-se de passagem, dedica toda a sua vida a comprovar a teoria de seu mestre, da imobilidade do ser de Parmênides ao paradoxo do estádio de Aquiles e a Tartaruga – os sentidos enganam, porque a tartaruga chega antes que Aquiles - e lá, segundo o diálogo platônico intitulado “O Parmênides”, “isto é”, “Das ideias”, o qual nos apresenta longos raciocínios, analisados por Céfalo, Antifontes, Zenão, Parmênides, Sócrates e Aristóteles, todos, obviamente, “personagens” de Platão, a dificuldade, segundo Parmênides, quais são, dentre as várias ideias, aquela que de fato podem ser consideradas aquelas por si mesmas, a dificuldade de definir a relação entre as coisas e as ideias – não simulacros. O que é a ciência em si? A suposição primeira: se o Uno é.

*PARMÊNIDES: E seja, portanto, dito: e se diga também, segundo o que tem a ver, que, **ou seja o uno ou não seja**, ele e as outras coisas, tudo propriamente e são e não são, aparecem e não aparecem; e inverso de si mesmo, e entre eles.*

ARISTÓTELES: Verdadeiro, verdadeiro. (PLATÃO, 2012, pg. 101)

E assim, resume Aristóteles, em seu livro Metafísica:

Todavia, poder-se ia pensar que tenha sido Hesíodo que pesquisou uma causa deste gênero, ou qualquer outro colocou o amor e o desejo como princípio dos seres, assim como fez, por exemplo, Parmênides. Este, de fato, reconstruindo a origem do universo diz: “Antes de todas as coisas existiu o Caos, e depois foi a terra a partir do amplo seio e o Amor que resplende entre todos os imortais”... (ARISTOTELE, 2011, pg. 23)

Parmênides morre aos 75 anos, de velhice.

2.8 O primeiro filósofo ateniense: o “fisiólogo” “pluralista”

Com Anaxágoras finalmente a filosofia chega “oficialmente” a Atenas. O primeiro filósofo ateniense nasce em 500 a. C. em Clazomene e se transfere à Atenas por volta dos 35 anos, e é depois expulso de Atenas. Em Anaxágoras dá-se uma derradeira passagem do mito ao logos: a sua filosofia baseia-se na observação e no raciocínio indutivo-dedutivo e é o primeiro filósofo a exaltar a grande importância do conhecimento técnico racional: o homem como mão que executa, e através deste o homem pode conhecer toda a natureza.

Para Empédocles, Anaxágoras e Demócrito a natureza era dividida entre elementos e compostos, os elementos assumiam as características do Ser de Parmênides, e os compostos tinham as características do ser de Heráclito. Mas Anaxágoras cria a teoria das sementes: são as sementes os elementos que compõem a natureza: as sementes são as essências, havendo cada semente a sua própria essência. As sementes são indivisíveis, imutáveis e eternas. Quando se agregam originam os compostos. Os compostos são divisíveis, mutáveis e perecem. Há, portanto, um Ser natural que não muda mas há também um ser natural que muda. No universo existem assim ambas as dinâmicas. Então **todas as coisas tem uma base comum.**

E essa união das sementes, que forma os compostos não se dá ao acaso mas é comandada pelo "νοῦσ", ou mente, existe uma mente que ordena, controla, organiza o cosmos. Força intelectual, intelecto divino, inteligência, razão universal. A “nous” é a arché. A “nous” é imanente à natureza e está dentro de todas as coisas, com a conotação transcendente, metafísica.

A sua obra “Sobre a Natureza” – título de obra quase unânime a todos os pré-socráticos - apresenta uma “nous” autônoma, autócrata, que não se mistura, mas aquela que mistura as sementes formando e governando os compostos.

Há quem diga que Anaxágoras era o filósofo preferido de Aristóteles – pobre Platão! - mas resta com certeza o fato que toda a Ontologia posterior – inclusive o Cristianismo - deve fazer “as contas” com ele. Da *Metafísica* de Aristóteles, extraí-se algumas passagens das várias páginas dedicadas a Anaxágoras:

Anaxágoras, de Clazomene, que por idade vem antes de Empédocles, mas é posterior pelas suas obras, afirma que os princípios são infinitos: de fato, ele diz que até mesmo todas as homeomerias² geram-se e se corrompem unicamente em quanto se reúnem e se distinguem assim como acontece com a água e o fogo, em quanto em outro modo não se geram nem se corrompem, mas permanecem eternas.

*Em base a este raciocínio, poder-se-ia acreditar que exista **uma causa única**: aquela que dizemos **causa material**. (ARISTÓTELE, 2001, pg. 19)*

“Portanto, disto que acima se disse, resulta evidente que todos os filósofos parecem ter buscado as causas estabelecidas por nós na *Física*, e que não se pode falar de alguma outra causa fora destas.” (ARISTÓTELES, 2011, pg. 65)

“O próprio Anaxágoras, com efeito, na constituição do universo serve-se da Inteligência como de um “deus ex machina””³... (ARISTÓTELE, 2001, pg. 23)

3. Metodologia

O tipo de pesquisa realizado foi bibliográfica.

4. Resultados e Discussão

Quem tem razão? Qual é, afinal de contas, o verdadeiro, dado que já acordamos e demonstramos ser um princípio único, motivo pelo qual Empédocles não entra, o ordenador – não criador – do inteiro cosmos, presente em coordenadas espaços temporais, mas também transcendente à matéria, e portanto à energia, metafísico ao mesmo tempo? Talvez seja somente o eterno seguir-se da história da arché ser a água ou o “*απειρον*”, o ar ou os números, o logos mutável ou o logos imutável, a nus ou o átomo? Talvez tudo mude porque na base exista um motor imóvel que sustenta tais mudanças. Mesmo Platão, quando dizia que a materialidade é apenas uma

ilusão, que verdadeira é somente a ideia do objeto que está no hiperurânio, não negligenciava a matéria. Afirmava apenas, talvez, o que seu discípulo, Aristóteles, descobrira por outros meios, que não existe corpo sem forma, a realidade é hilemórfica, mas o que realmente conta e faz diferença para a vida é a o “além” da constituição matéria. De fato, segundo Aristóteles, por exemplo, “Em síntese Aristóteles descreve a alma” – e para ele alma e psique são sinônimos – “ contemporaneamente como essência (ουσια) do corpo vivo, sua causa (αιτια), princípio (αρχη) e fim (τελος).” (CAROTENUTO, pg. 24, 2014)

Já a palavra matéria, “em sua origem latina, deriva de “*mater*”, no sentido de substância da qual é feito o tronco da árvore” (ZINGARELLI, pg. 613) Do grego, matéria deriva de “υλη” (ylé), matéria, madeira. Portanto, a partir da simples análise etimológica da palavra já se pode constatar o seu significado de “fenomenologia” de outro, isto é, indica uma parte da estrutura física, no caso a madeira do tronco, e não toda a árvore. Rastrea-se então que o significado de matéria, pelo menos como entendiam os criadores de nossas línguas, como uma parte que aparece e “edifica”, mas não é o todo em questão.

Ora, se matéria pode ser entendida como apenas o material, no caso a madeira do qual é feito o tronco das árvores, o que poderia distinguir uma árvore da outra? E ainda, qual diferença teria um tronco de árvore seco e outro no qual circula a seiva?

Da matéria deduzimos um princípio que anima, dá ou tira vida, a alma, equivalente de psique, que por vez é energia, a qual é regida por uma forma. E na relação matéria e forma, matéria e energia, sabe-se já que ambas as relações são incidíveis, não existe, não é pensável a matéria sem a forma, bem como a matéria sem a energia. Aristóteles e Einstein sustentam tais afirmações.

Mas se a realidade não é só corpuscular e nem só ondulatória, se, por exemplo, o ser humano é constituído por uma triplicidade energética (somática, etérica e psíquica) o que faz a “conversão” de uma energia para a outra? Qual é a passagem entre o ser e a existência? A água contém o apeíron, e o apeíron contém a água? É a “nous” que ordena o agregar-se e o desagregar-se das sementes?

Segundo a Ontopsicologia é a informação.

4.1 Como a Ontopsicologia aprofunda tecnicamente o conceito de Informação

4.1.1 Questões terminológicas

A esse ponto surge o conceito atávico de **alma**. Do “grego “ανεμος”, **sopro**, movimento.” (MENEGETTI, 2001, pg. 15)

Mas, assim como na filosofia oriental,

“Também em grego existem termos diversos para indicar a animação física e a animação do homem:

θυμος/tumós, vida, alma, princípio vital, coragem, desejo, localizado no peito;

μενος/menós, força vital;

νοος/nús, mente, inteligência, intelecto, razão;

*ψυχη/psyché, do verbo ψυχω/psicho que significa eu assopro, eu respiro, inicialmente em Homero, indica “aquilo que sobrevive ao corpo”, depois é usado no sentido mais amplo de **sopro**, hálito, sopro vital, respiro.”(CAROTENUTO, 2014, pg. 16)*

Inicialmente o termo alma correspondia a um sopro em sentido físico restrito, como um puro fenômeno meteorológico, o vento, **sopro** do vento. O antigo conceito grego de **psique** “ ψυχη **sopro**, respiro” (MENEGETTI, 2001, PG. 190) indicava a animação interior do homem, e não um fenômeno externo como o vento.

“O termo ανεμος/anemos em grego significa vento, sopro, um puro evento atmosférico, porque se passa de ψυχη, alguma coisa que caracteriza a vida a partir do interno do homem, para “alma”, alguma coisa que move a partir do externo, como o vento?” Uma transformação de época, na qual intervém a cultura hebraica e o Cristianismo. Trata-se de fato de uma dupla passagem: primeiro tem a tradução do termo grego ψυχη com o hebraico nephés (respiro), depois a superposição deste com o vocábulo grego análogo ανεμος (vento), torna-se alma, isto é, “alguma coisa que move a partir do externo”, subentendendo o interventor criador do divino segundo a cosmogonia hebraica cristã.” (CAROTENUTO, 2014, pg. 16)

Segundo Meneghetti então, o conceito de psique é sinônimo ou equipolente ao conceito de alma. Ainda do grego o substantivo “ψυχη, princípio vital, força vital” (MENEGETTI, 2001, pg. 190)

"E assim psique torna-se alma, mas não exprime mais o conceito originário grego, seja como for não dualístico na tradição cultural grega, com exceção que em Platão: "alma", de fato, na cultura a partir do Hebraísmo e do Cristianismo em diante, é alguma coisa que a partir do externo é introduzida no homem." (CAROTENUTO, 2014, pg. 17)

Ao nominar psique, força vital, desencadeia-se o conceito de **"energia**, "εν εργον", "o dentro do trabalho", presença de força, eceidade da possibilidade, semovência de um quântico, capacidade de efetuar." (MENEGETTI, 2001, pg. 73) Onde "en" significa contemporaneamente direção, o dentro, e também é iniciativo do verbo grego "ειμι" que significa ser. A energia psíquica é a mais alta forma de energia. Para um aprofundamento sobre o entendimento ontopsicológico sobre energia, pode-se recorrer ao tratado A imagem alfabeto da energia citado na bibliografia.

Forma, "do latim forma, modelo, marca, desenho, figura" (MENEGETTI, 2001, 83) é, portanto, "uma modalidade de aplicar a energia" (Citação proferida pelo Prof. A. Vidor em uma sua conferência.) A atividade psíquica é a energia que depois formaliza todas as outras conhecidas e estudadas pela ciência física propriamente dita, energias nuclear, potencial, cinética, gravitacional, elétrica, eletromagnética, etérica, somática (matéria), etc.

No ser humano, "... a alma tem duas faculdades próprias, o intelecto, ou seja, o compreender, o saber, e a vontade." (MENEGETTI, 2009, pg. 111)

INTELECTO, do latim, "intus leggere", "Etimologicamente esse significa "ler dentro", "saber dentro", etc.; todavia, em sede filosófica, o intelecto (ou Em Si ôntico) é "ato do ser": é um ato que conhece e opera ontologicamente (ou seja, conhece e opera no interior do ser)." (MENEGETTI, 2009, pg. 105)

VONTADE, "do latim *voluntas*, "*volo*" = quero, por sua vez "*vis* + *olos*", vis = força, vida, energia e olos = todo, conjunto; "*ον, on*", "*οντος, ontos*" participio presente do verbo ειμι = ser e "*το (θητημι)*, "*thitemi*" = dar lugar: É a força toda reunida que atua o ato completo ao escopo total." (MENEGETTI, 2015, pg. 26)

4.1.2 A informação em Ontopsicologia

*"No termo "informação" a partícula "in" – como também "en" – muito mais que etimologicamente, é fundamental porque, atendo-se à hipótese da comunicação, evidencia o momento no qual o ser comunica, faz contato, especifica-se, faz-se existência. Aquele "in", aquele "en", não significam apenas "in", "no" como no íntimo, mas também é iniciático de "ἔν εἰμι", **eimi, ser**, ou seja de ser que é e age. Portanto "in" é contemporaneamente direção e ente, é o ente que vai em ação, e enquanto vai em ação é já forma, ou seja, **não age em caos** ou ação por ação: é ação com forma. A ação é já definida e configurada formalmente, portanto, é já diversa, é uma ação específica que produz efeito específico."* (MENEGETTI, 2015, pg. 26 ou <https://youtu.be/BTtTdextrlk>)

Sendo a Ontopsicologia alicerçada em suas três descobertas, o Em Si ôntico, o campo semântico e o monitor de deflexão, completariam a tratativa integral da compreensão do conceito da informação em Ontopsicologia, o meio pelo qual tal informação é colhida por nós, o campo semântico e a elucidação do porque desta informação não ser perceptível em sua originalidade, isto é, a distorção desta informação pelo monitor de deflexão. Assim, reitera-se que o escopo do presente artigo é apenas demonstrar que a informação é a arquê tão buscada pelos pré-socráticos. Tal informação é detectável através do campo semântico, argumento amplamente encontrado no livro específico citado na bibliografia, bem como o impedimento e distorção da informação ôntica, isto é, a informação memética, pode ser encontrado no livro citado em bibliografia, pois este artigo intenciona somente o estudo da informação ôntica e porque esta é a arquê, não sendo objetos deste a sua obtenção muito menos a sua distorção. Também, não se propõe este trabalho a analisar a comprovação científica em laboratório, conforme as regras científicas vigentes, do campo semântico e do monitor de deflexão.

Compreendendo então a informação como o primeiro elementar do universo, segundo a Ontopsicologia a busca pela última partícula elementar não faz nenhum sentido, pois o primeiro e último elemento que constitui o universo é a informação. A informação é a arquê. A informação nasce quando o ser intenciona o existir.

*"A ontopsicologia é uma **ciência** que se pode discutir apenas no confronto dos fatos, não sobre as percepções subjetivas ou sobre as asserções de quanto foi codificado ao longo dos séculos no assim chamado absoluto científico. Seja como for que se desenvolvam as*

democracias e os pontos de vista da ciência acadêmica, a vida é um fato por si." (MENEGETTI, 2002 , pg. 125, trad. nossa)

5. Considerações Finais

Considerando que não chegou até nós diretamente nenhuma obra, pelo menos inteira, dos filósofos pré-socráticos, e que também das fontes pesquisadas para confecção deste artigo, algumas de fato são de muito difícil acesso, como Plutarco, Sexto Empírico, Clemente Alexandrino, ou mesmo alguns textos de Hipólito, o célebre autor de Vida dos Filósofos, Diógenes Laércio, etc., até Simplício, fonte de boa parte dos testemunhos citados no livro "I Pressocratici", do qual foram extraídas as informações sobre a vida destes protocientistas, lançou-se mão de obras posteriores, como Aristóteles, que organizou todo o pensamento filosófico anterior a ele, e Platão, mesmo não sendo estes objetos deste artigo.

Contudo, sabe-se que o filólogo alemão Hermann Diels recolheu com êxito grande parte das informações sobre os pré-socráticos em sua obra publicada em 1903 "Os fragmentos dos Pré-socráticos", que após algumas edições, vem enriquecida com algumas contribuições de Walther Kranz – daí o DK das indicações posteriores. "I Presocratici. Testimonianze e frammenti", aos cuidados de G. Giannantoni, publicado em 1969 junto à editora italiana Laterza é tradução de parte da obra de Diels e Kranz.

Exaurido assim o contexto bibliográfico, pode-se afirmar com absoluta certeza que a arquê – vocábulo que parece inclusive ter desaparecido da língua portuguesa, sendo porém ainda mencionado em alguns dicionários de italiano e francês – como foi originalmente concebida pelos protocientistas supracitados vem a ser descoberta na década de 70 pelo cientista italiano Antonio Meneghetti, e por este individuado o método de acesso denominado Ontopsicologia. O Em Si ôntico, ou informação ôntica é a arquê. Quando Husserl afirma: "A tarefa que o filósofo se propõe, a meta da sua vida como filósofo: ciência universal do mundo, saber universal e definitivamente válido, universo de verdades em si [acerca] do mundo, do mundo em si. Que é esta a meta, qual a sua acessibilidade?" (HUSSERL, 2012, pg. 214) A Ontopsicologia apresenta-nos a **técnica** específica para que o verdadeiro filósofo – não o sofista, que após libertar-se das correntes e sair da caverna, fica na porta a tagarelar, como afirma Platão, mas é aquele que retorna ao interior da caverna para advertir seus semelhantes que estão acorrentados e não sabem que existe todo um outro mundo fora da caverna, mesmo se ele for ridicularizado ou

considerado um charlatão – possa ter a acessibilidade ao mundo-da-vida. Certamente também não, como o sofista de Platão, o “übèrmensch” de Nietzsche, o qual, apesar de cumprir as três metamorfoses – de camelo a leão à criança, sustentar a morte de Deus, ter vontade de potência, aceitar o eterno retorno - infelizmente depois “estranhamente” não retorna mais ao mercado porque tem “muitas moscas”. Não. O homem acessado pelo método ontopsicológico é o homem *filocrata*, ou talvez, o ser humano que cumprisse uma quarta metamorfose: de criança transformar-se-ia em um filocrata e participasse de um eterno retorno *renovado*.

5.1 A relação entre a pesquisa dos pré-socráticos sobre a arquê e o conceito de informação em Ontopsicologia

“Soa todavia redutivo atribuir aos Pré-socráticos um interesse exclusivamente naturalístico. No horizonte problemático deles não falta de fato o homem, e sabemos que também na atividade pública de alguns destes não faltava o interesse pela religião, a ética, a política” (GIANNANTONI, 1969 , pg. 2, trad. nossa)

A ontopsicologia descobriu “uma unidade de ação que emana específicos sinais de identidade” ou informação elementar ou Em Si ôntico. A partir desta informação ôntica ou **arquê** origina-se a intencionalidade: “É o ser que faz vontade específica ao próprio ato”. (MENEGETTI, 2015, 27)

*“É possível considerar que o problema fundamental, ou pelo menos o mais evidente, que enfrentam os pensadores vindos antes dos Sofistas de Sócrates – portanto aproximadamente entre o sexto século, visto que a αρχη de Tales foi fixada em 585, e a data, não obstante incerta, da morte de Demócrito, aproximadamente colocada entre o 360 e o a.C. – seja a **individualização do princípio do qual tudo descende**. Um princípio originário que existe ab aeterno⁴, e que soma em si características não somente físicas: esse de fato é considerado princípio de vida, é **divino**, ou seja το θειν⁵, e termina por ser o dinâmico ordenador do cosmos inteiro.”* (GIANNANTONI, 1969 , pg. 1, trad. nossa)

O dinâmico ordenador do cosmos inteiro, para a ontopsicologia, é a informação.

*“Só a lógica ontológica é critério da racionalidade. Se o Eu consciente não divergir da luz que emana das variáveis do próprio ser ou Em Si ôntico, o saber racional move-se formalizando conceitos e criando palavras, combinando termos para formar proposições e concatenando, em coerência, raciocínios e silogismos, tanto em seu versante dedutivo, como indutivo. Em ambos os casos, a mente autêntica sempre aplica os princípios da **identidade** e da **não contradição**.”* (VIDOR, 2018, pg. 50)

“A ONTOPSICOLOGIA NÃO É UMA TEORIA OU FILOSOFIA: É A LÓGICA DAS LEIS UNIVERSAIS DA VIDA, EM SENTIDO PRÁTICO, EXISTENCIAL, EMOCIONAL, ETC.” (MENEGETTI, 2017pg. 171)

É o acesso, o “logos”, a ciência que permite o acesso à “arquê”. É a restituição ao humano do **poder**: a capacidade de atuar na dimensão existencial a informação ôntica. O verdadeiro poder é a reversibilidade unívoca entre causa e efeito.

*“Não é importante o logos sistêmico de qualquer evento histórico (filosofia, moral, estética, religião, direito, cura, e outros fundamentos ideológicos, ou arquétipos estruturais de passado e futuro etc.) mas é significativo para a ecceidade individual ou social, **somente se o modo opera função com o ser**. Aquele ser que uma vez interiorizado ou conexo com a fenomenologia existencial atua a autoridade e a **capacidade de fazer**, de dar, de ser o ser.”* (MENEGETTI, 2009, pg. 286)

Ao proceder uma pesquisa, com muitas pessoas, de diferentes classes sociais, credos, cores, sexos, etc. verificou-se, que quando indagadas sobre “ O que é poder para você?”, as respostas foram múltiplas: o poder é saúde, afetividade, amizade, dinheiro, filhos felizes, etc.

Mas o verdadeiro poder é a posse do arché, a consciência e capacidade técnica de realização da própria informação ôntica. As causas pesquisadas pela sapiência são as causas primeiras: a sapiência é o conhecimento das causas e dos princípios. A σοφία é a ciência das causas primeiras.

Para Aristóteles todos os homens tendiam à sapiência, σοφία, a forma mais alta de saber. “A sapiência é o conhecimento das causas.” (ARISTOTELE, 2011, pg.3)

A ontopsicologia é uma filocrazia. “Filo”, amante, amigo, “crazia” de “craomaí”, ter poder. A Ontopsicologia, obviamente, não é o poder em si, mas uma via, uma amante do poder, aquele logos que é mediador do Ser na existência, pois, como afirma Meneghetti, de nada vale um conhecimento se não tiver uma aplicabilidade prática.

Meneghetti afirma: “Não existe nenhuma partícula elementar. O princípio da matéria é sempre uma **informação**”; “A informação não se pode ver mas se pode saber”; “A matéria é uma adaptação à causalidade da forma”; “A **forma** é o princípio que faz uniformação material. A forma é pensável sem matéria. Não vice-versa.”

Referências

Livros

- ARISTOTELE. **Metafisica**. 10. Ed. Milano: Bompiani, 2011
- CANGELOSI, A. **Da Parmenide a Meneghetti**. Recanto Maestro, São João do Polêsine, Fundação Antonio Meneghetti, 2017.
- CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. São João do Polêsine, Ontopsicologia Editrice, 2009.
- CAROTENUTO, M. **In Sé ontico a confronto**. Ontopsicologia Editrice, 2014.
- CAROTENUTO, M. **La Paideia ontica dai Sumeri a Meneghetti**. Psicologica Editrice, 2012.
- GIANNANTONI, G., a cura di, **I Presocratici. Testimonianze e frammenti**. Ed. Laterza, Bari, 1969.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2012
- MENEGHETTI, A. **A Imagem Alfabeto da Energia**. 5. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, São João do Polêsine, 2016
- MENEGHETTI, A. **Campo Semântico**. 4. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, São João do Polêsine, 2015
- MENEGHETTI, A. **Dalla coscienza all'ESSERE**. 1. Ed. Roma: Psicologica Editrice, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Dizionario di Ontopsicologia**. 1 Ed. Roma. Psicologica Editrice, 2001
- MENEGHETTI, A. **Fisicidade e Ontologia**. 1. Ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015
- MENEGHETTI, A. **Genoma ôntico**. 2 Ed. Roma. Psicologica Editrice, 2002
- MENEGHETTI, A. **Il monitor di deflessione nella psique humana**. Roma. Ontopsicologia Editrice, 1985
- MENEGHETTI, A. **Jovens e Realidade Cotidiana**. 1. Ed. São João do Polêsine: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017

MENEGHETTI, A. **Manuale di Ontopsicologia**. 4. Ed. Roma: Psicologica Editrice, 2008

MENEGHETTI, A. **O Em Si do Homem**. 5. Ed. Revisada, Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, São João do Polêsine, 2015

MENEGHETTI, A. **Ontologia da Percepção**. 1. Ed. Restinga Seca: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015

NIETZSCHE, F. **A filosofia na era trágica dos gregos**. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

VIDOR, A. **O Fundamento da Ciência**. 1. Ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2018.

ZINGARELLI, N. **Lo Zingarelli minore**. Edizione Terzo Millennio. Zanichelli E-books

JAEGER, W. **La teologia dei primi pensatori greci**. [https://philpapers.org>rec>AJWL](https://philpapers.org/rec>AJWL)

PARMENIDE, **Sulla Natura**. www.parmedide.info

PLATONE, **Apologia di Socrate**. 1. <https://bachecaebokgratis.blogspot.com/> A cura di Silvia Masaracchio, 2010

PLATONE, **Fedro**. 1. Edizione Acrobat A cura di Patrizio Sanasi, patsa@tin.it

PLATONE, **Il Parmenide, ovvero, delle idee**. 1. <https://bachecaebokgratis.blogspot.com/> A cura di Silvia Masaracchio, 2012

PLATONE, **La Repubblica**. Edizione Acrobat. A cura di Patrizio Sanasi. patsa@tin.it

PLATONE, **Simposio**. 1. <https://bachecaebokgratis.blogspot.com/> A cura di Silvia Masaracchio, 2010

REALE, G. **Storia della Filosofia Antica**. <https://digilander.libero.it...pdf>

Apêndice

¹ Do grego, “εσχατοσ”, último;

² Do grego, “ομοιομερεια”, “ομοιοσ”, similar a, “μεροσ”, parte;

³ Expressão do latim, um deus por meio de uma máquina;

⁴ Expressão do latim, de toda a eternidade;

⁵ Do grego, το, de τιθημι, dar lugar, τειν, divino.

ANEXO

PROÊMIO Fragmentos 1 versos 1 - 32

“As éguas que me levam até onde o ânimo deseja alcançar, transportavam-me, depois que partiram conduzindo-me na direção da via de muitas vozes, a qual pertence à divindade, que leva em todos os lugares o homem que sabe;”

“e lá me levavam as éguas sábias puxando o carro, e mulheres puras e jovens mostravam a estrada”

“os eixos das rodas emitiam um ruído a partir da parte côncava, inflamando-se (de fato era espremido por ambas as duas partes por dois bem trabalhados círculos), cada vez que as jovens puras Helíades, filhas do sol, aceleravam a corrida, depois de terem deixado as casas da noite, na direção da luz, tirando-se com as mãos o véu da cabeça.”

“Lá se encontra a porta que divide os sentimentos da noite e do dia, e uma arquitrave e uma soleira de pedra delimitam-na a partir de baixo e a partir do alto; essa erguida no éter, está fechada por grandes impedimentos: dessa a Justiça, que pune fortemente, possui as chaves que abrem e fecham.”

Paráfrase Fragmento 1

“A minha inspiração filosófica e poética, a minha imaginação e a minha inteligência, que são em condições de levar, como velozes éguas, a minha mente até onde o meu ânimo deseja, conduziam-me na direção da via, que pertence à divindade, que leva o homem que sabe e pesquisa o saber a conhecer tudo.”

“A minha inspiração levava-me e as jovens puras Helíades, filhas do sol, iluminavam o meu caminho de pesquisa racional da Verdade. Essas me levaram das casa da noite e da ignorância humana na direção da luz do dia e do conhecimento divino. Guiaram-me até a gigantesca porta que divide os sentimentos da noite e do dia; a lei divina que governa o mundo possui as chaves da porta.”

“As jovens puras então a persuadindo com doces palavras com cuidado convenceram-na a tirar a trava da barra velozmente da porta: esta, abrindo-se produziu uma vasta abertura dos impedimentos, fazendo girar em direção vencedora nas partes côncavas dos cardãs os eixos de bronze fixados com pregos e firmes: por ali portanto as jovens puras guiavam carro e éguas ao longo da estrada mestra. E a

deusa benévola acolheu-me e pegou com a mão a minha mão direita, e assim falava e me dirigiu a palavra: Oh! Jovem, companheiro de imortais guias, que vens até a nossa casa com as éguas que te trouxeram, alegra-te, porque não um destino ruim enviou-te a seguir esta via (esta de fato está fora do alcance dos homens), mas vontade divina e justiça. É preciso que tu aprendas todas as coisas seja o sólido coração da bem redonda verdade seja a opinião dos mortais, nas quais não têm verdadeira certeza. Mas apesar disto também estas coisas aprenderás, como seria necessário que fossem verdades as aparências que passam todas continuamente.”

“As jovens puras Heliades convenceram esta divina cústode da porta a abrir-lá para nós: assim pude aceder à sabedoria divina. A rainha das deusas acolheu-me com bondade e assim me disse: Oh jovem, que – guiado pela inspiração e pela luz da ciência – chegas até a nossa casa, alegra-te, porque não um destino ruim enviou-te a seguir esta via (esta de fato está fora do alcance dos homens), mas vontade e justiça divinas. É preciso que tu aprendas todas as coisas, seja a Verdade conhecida somente pelos deuses, seja a opinião dos mortais, seguidamente falácias; aprenderás também como é preciso interpretar as aparências que continuamente passam diante dos olhos dos mortais.”

O DISCURSO SOBRE A VERDADE

Fragmento 2 Versos 1 - 8

*“Se muito eu falo, tu acolhes e escutas o meu discurso, somente quais vias de pesquisa são pensáveis: a primeira, que **o ser que é e que não é não ser**, é a estrada da Persuasão (de fato acompanha a verdade), a segunda: que **o ser não é e que é necessário que não seja**, isto eu te ensino que é um sentimento completamente desconhecido; nem de fato poderias conhecer o não ser (não é de fato possível) nem poderias exprimi-lo.”*

Fragmento 3

“...é de fato a mesma coisa pensar e ser.”

Fragmento 2

*“Eu te explicarei todas as coisas, e tu escutes o meu discurso que te esclarecerá quais são as únicas vias de pesquisa pensáveis: a primeira: que o ser, aquilo que existe, existe estavelmente e não é um fluído processo que se torna, é a estrada da Persuasão e da Verdade, a segunda: que o ser, aquilo que existe, não existe mas é um contínuo devir, que se transforma em um outro a partir de si mesmo, que nasce e morre, que muda cor e lugar, constitui um sentimento completamente impraticável; de fato se o ser não existisse não poderias conhecê-lo (não é de fato possível conceber, pensar e conhecer, aquilo que não existe), nem poderias exprimi-lo. **O pensamento é pensamento do ser: se penso, penso o ser, penso***

que é, que existe; não posso pensar o não ser, aquilo que não existe, o nada.

Fragmento 2

“É de fato a mesma coisa pensar e ser: de fato é preciso pensar somente naquilo que existe; pensar que existam as aparências é somente uma opinião, não um pensamento científico e racional.”

Fragmento 4 Versos 1 – 4

“Observa como as coisas longínquas estão garantidamente presentes na mente: não de fato saberá o ser que se tem estreito ao ser nem quando aparece disperso por todos os lugares completamente nos cosmos nem quando se mostra reunido junto.”

Fragmento 5 Versos 1 – 2

“Para mim é indiferente de onde começarei: lá de fato de novo retornarei.”

Fragmento 4

“Refleti como coisas, mesmo longínquas entre elas e de ti no espaço e no tempo (pessoas ou coisas longes, pessoas mortas mas vivas na recordação) sejam garantidamente presente na tua mente: de fato a mente tem atividade unificadora, não divide em partes o ser nem quando esse aparece disperso no cosmos (astros, planetas, pessoas distantes, pessoas mortas, etc.) nem quando é reunido em um único ente.”

Fragmento 5

“É indiferente de onde eu comece o meu discurso: esse é como um círculo: em qualquer parte que eu comece, seja da parte relativa à Verdade, seja da parte relativa às Opiniões humanas, percorrer-lo-ei de qualquer forma todo.”

Fragmento 6 Versos 1- 9

“É necessário o dizer e pensar que o ser é: é de fato ser e nada de fato não é: sobre estas coisas exorto-te a meditar. Distancio-te de fato desta primeira via de pesquisa, mas também daquela que mortais que nada sabem inventam, homens com duas cabeças: a incerteza de fato guia nos seus corações a mente errante: e esses são arrastados estúpidos e paramentos obtusos, atônitos, estirpes confusas para os quais o ser e o não ser são considerados a mesma coisa, e o caminho de todas as coisas é reversível.”

Fragmento 7 Versos 1 - 6

“Certamente jamais de fato esta coisa pode ser imposta, que as coisas que não são sejam: mas tu desta via de pesquisa afasta o

pensamento nem o hábito experimentado impulsione-te ao longo desta via, a dirigir o olho que não observa e o ouvido retumbante e a língua, mas julga com a razão a muito combatida prova por mim exposta.”

Fragmento 6

“Deve-se dizer e pensar que o ser é: de fato o ser é. Alguns erram afirmando que não é: afastam-te de fato desta via de pesquisa. E te afastam de fato daquela de pensadores loucos, homens com duas cabeças, que têm sustentado que o ser e o não ser são a mesma coisa e que todas as coisas transformam-se reversivelmente uma na outra.”

Fragmento 7

“Se a experiência e o hábito, se o olho e o ouvido e a língua não confiáveis far-te-ão parecer que as coisas que não são (isto é, as formas das aparentes coisas, as cores, o devir, a transformação: da folha verde à folha amarela, do cabelo negro ao cabelo branco, do homem jovem ao homem velho; o movimento, o vazio, o nascimento e a morte) existam, tu não as sigas, mas julga com a razão apenas a verdade, mesmo que de difícil compreensão, que eu te expus.”

Fragmento 8 Versos 1 - 61

*“Permanece ainda um só discurso da via (aquele que diz) que é: sobre esta existem muitíssimos sinais, que o ser é não gerado e imperituro, é de fato inteiro, **imóvel** e sem fim, não alguma vez era e alguma vez será, porque é agora todo junto, **uno**, contínuo: qual origem de fato procurarás deste? Como e de onde teria crescido? A partir do não ser não te permitirei de dizê-lo e nem de pensá-lo: não é de fato absolutamente dizível nem pensável aquilo que não é. Qual necessidade teria impulsionado ele, se começasse a partir do nada, a nascer depois ou antes? Portanto é necessário o que seja de tudo ou o que não seja por nada. Não jamais força de certeza concederá que a partir do ser nasça alguma coisa ao lado deste: a causa disto a Justiça não lhe concedeu nem de nascer nem de perecer liberando-se das correntes, mas o mantém parado, a escolha no que diz respeito a estas coisas está nisto: **é ou não é**, julgou-se portanto, como é necessidade, de abandonar uma via que é não pensável e não nominável (não é de fato a via da verdade), e que a outra ao invés existe e é verdadeiramente.”*

Fragmento 8

*Eliminadas as erradas vias de pesquisa, que o ser não é, que as coisas que não são possam existir, e que o ser e o não ser sejam a mesma coisa e contemporaneamente não a mesma coisa, permanece somente uma afirmação: **que o ser existe estavelmente**. Que o ser, aquilo que existe no cosmos não é gerado e imperituro, inteiro e imóvel e sem fim, é demonstrado pelo fato que não alguma vez no passado “foi” e depois terminou, não alguma vez no futuro “começará a ser” mas agora não é, mas sim existe agora, é aqui todo*

junto, uno, contínuo. Não pode ter nascido do nada, isto é, do não ser, porque o não ser não existe e não é pensável nem dizível. Nem pode ter nascido do ser: se o ser gerasse um outro ser junto consigo, haveria uma quantidade de ser maior que antes; portanto este a mais de ser, esta parte recém-nascida de ser, apresentar-se-ia ex-novo, por isto – mesmo derivando do ser, emergiria seja como for a partir do nada, a partir do não ser. Portanto a lei divina não lhe concedeu nem de nascer nem de perecer, mas o mantém parado, prendendo-o com correntes.”

“Como o ser poderia nascer depois? Como poderia ter nascido? Se de fato nasceu, não é, nem é se si prepara para ser. Assim o nascimento apagou-se e a morte é ignorada. Nem é dividido porque é todo igual: nem tem em alguma parte um a mais de ser, que possa impedi-lo de ser unido, nem um de menos, mas é todo pleno de ser. Por isto é todo contínuo: o ser de fato aproxima-se ao ser. Mas imóvel nos limites de grandes amarras é sem um início e sem um fim, porque o nascimento e a morte foram repelidos muito longe, expulsou-as uma verdadeira certeza. E permanecendo idêntico no mesmo lugar, jaz em si, e deste modo permanece aqui saldo: de fato a dura Necessidade (= Destino) mantém-no nas amarras do limite, fecha-o entorno, porque é estabelecido que o ser não seja incompleto, de fato não necessita de coisa alguma: de outra forma teria necessidade de tudo. Se de fato tivesse nascido, não seria sempre existente, e não seria sempre existente se devesse ainda nascer. Nem é dividido em múltiplas “coisas”, porque é todo igual, homogêneo e isso denso: nem tem em alguma parte um a mais de ser, que possa dividi-lo, nem um de menos, mas é todo pleno de ser. Por isto é todo contínuo: o ser de fato aproxima-se ao ser. Mas imóvel nos limites dos grandes ligames é sem princípio e sem fim, porque o nascimento e a morte foram repelidos para muito longe, e isso capturou uma verdadeira certeza. E permanecendo idêntico no mesmo lugar, jaz em si e permanece aqui saldo: de fato a dura Necessidade (=Destino), tem-no nos ligames do limite, fecha-o entorno. Se fosse infinito, seria inconcluído e, se fosse inconcluído, faltaria sempre alguma coisa.”

“A mesma coisa são o pensar e a coisa pensada. De fato sem o ser, no qual assume nome, não encontrarás o pensar: nada mais de fato existe ou existirá fora do ser, porque a “Moira” (=Destino) constrangeu-o”

“A partir da intuição do ser nasce o pensamento, por isso sem o ser não encontrarás o pensar. A mesma coisa são o pensar e a coisa pensada. Assim sem o ser existente, no qual o pensamento de existente assume o nome de existente, não existe o pensamento de existente: de fato pode-se pensar somente aquilo que existe. O pensar toma nome na coisa pensada, que é o ser. O pensamento aplica-se ao ser e nesse assume nome. Quando a mente pensa, pensa o ser e no momento no qual o pensa atribui para aquele seu pensamento aquele nome. Infelizmente os homens, quando percebem e por isto conhecem uma manifestação do ser, por exemplo a maçã e a atribuem um nome, que é neste caso aquele de

“maça”: disto depende a multiplicação de inúteis nomes. O erro dos seres humanos foi aquele de terem confiado nos seus olhos e ouvidos, que mostraram para eles tantos entes mutáveis, que nascem e perecem, que às vezes existem e às vezes não existem, que mudam lugar e cor, de modo que esses conferiram a eles tantos nomes, um para cada um. Mas estes numerosos entes são apenas manifestações do único ente realmente existente que é o ser: este somente deveria ser nominado.”

“para ser inteiro e imóvel, a este único ser serão atribuídos tantos nomes quanto são as coisas que os mortais propuseram, acreditando que fossem verdadeiras, que nasceram e pereceram, que existiram e não existiram, que mudaram lugar e mudaram luminosa cor. Mas uma vez que existe um limite extremo, é limitado, a partir de cada parte similar à massa de bem redonda esfera, a partir do centro igual em cada parte: de fato é necessário que este não seja nem maior nem menor em uma parte ou em uma outra.”

“Existe apenas o ser. Este ser, que é único, vem percebido pelos seres humanos como composto por múltiplas coisas, por todas as coisas que os nossos olhos cotidianamente mostram-nos; cada um destes aspectos com os quais o ser mostra-se aos nossos falaciosos sentidos, cada uma destas aparentes manifestações do ser – aspectos e manifestações que nascem e perecem, que de vez em quando são e de vez em quando não são, que mudam lugar ou cor – recebeu um nome dos homens, que estão erroneamente convencidos que tais aspectos e manifestações existam realmente.”

“Mas uma vez que o cosmos tem um limite extremo, imposto pela Lei Divina, o ser é limitado, a partir de cada parte similar a uma esfera bem redonda, a partir do centro igual em toda parte, de fato este não pode ser maior em um ponto e menor em um outro ponto.”

“Nem de fato tem um não ser, que possa fazê-lo desistir de alcançar a ser igual sobre toda a sua superfície, nem é possível que o ser pertença ao ser a mais aqui e de menos lá, uma vez que é tudo não forçado, a si de fato por toda a parte igual, em modo igual vem a contato com as fronteiras. Com isto interrompo para ti o discurso digno de fé e a reflexão entorno da verdade: de agora adiante aprende as opiniões dos mortais escutando a enganável construção das minhas palavras.”

“Nem de fato tem um não ser, que possa impedi-lo de alcançar o ser esférico, nem é possível que o ser seja mais saliente em uma parte da superfície e menos em uma outra parte, uma vez que esse todo não é prensado nem saqueado por alguém (porque existe apenas esse), portanto adquire a forma mais natural e perfeita, que é aquela esférica e grita nas fronteiras impostas pela Divindade, ocupando todo o espaço existente, que coincide com si mesmo. Com isto interrompo para ti o discurso digno de fé e a reflexão entorno da verdade: de agora em diante aprende as opiniões dos mortais escutando a enganável construção da minhas palavras.”

O DISCURSO SOBRE A OPINIÃO

“Formas de fato propuseram de chamar duas opiniões, uma das quais não é necessário – nisto erraram – nem distinguiram o aspecto como coisas opostas e colocaram nomes separadamente o uno pelo outro, de um lado o fogo celeste da chama do sol, que é benigno, levíssimo, idêntico em cada parte a si mesmo, mas não idêntico ao outro, mas puseram também a outra coisa por sua conta como coisas opostas, a noite escura, corpo denso e pesado. A ti eu exponho completamente o ordenamento verossímil do mundo como aparece aos seres humanos uma vez que jamais uma opinião dos mortais superar-te-á.”

*“De fato desde a antiguidade os seres humanos individuaram duas opiniões suas, duas aparências, e consideraram erroneamente que fossem duas identidades reais, ao invés era uma somente - então iniciaram historicamente o seu erro e o seu errado modo de interpretar a realidade – consideram-na coisas opostas e deram seus dois nomes distintos, e a uma chamaram **Luz**, que é benigna e levíssima, e a outra chamaram **Treva**, que é densa escura e pesada. A ti eu exponho completamente o ordenamento verossímil do mundo como aparece aos seres humanos, uma vez que jamais a opinião de um dos mortais superar-te-á.”*

Fragmento 9 Versos 1 – 4

“Mas uma vez que todos os entes são denominados luz e noite e estes segundo as suas potências são aplicadas a estes ou àqueles, tudo é pleno conjunto de luz e noite escura, e ambas em justas proporções, uma vez que, se nem uma nem a outra é presente, tem o nada.”

Fragmento 10 versos 1 – 7

“Conhecerás a natureza do céu e no céu todas as constelações e as obras invisíveis da pura e reluzente chama do sol, e de onde derivam, e aprenderás as formas vagantes da lua da forma redonda e a sua natureza, conhecerás além disso da onde nasce a volta celeste que tudo circunda e como a Necessidade (=Destino) guiando-a constrangeu-a sustentar as extremidades dos astros.”

Fragmento 9

“Mas uma vez que segundo os mortais todos os entes são compostos de luz e treva, e estes vão a construí-los misturando-se em várias proporções, todas as coisas são constituídas em conjunto de luz e treva, uma vez que, se fossem ambas ausentes, seria o nada.”

Fragmento 11 versos 1 - 4

“Como a terra o sol e a lua e o éter comum a todas e a celeste via láctea e o sumo olimpo e a força quente dos astros foram impulsionados a nascer.”

Fragmento 12 versos 1 – 6

“De fato as esferas celestes mais estreitas foram preenchidas de puro fogo, as outras acima destas foram preenchidas de treva, mas insinua-se destas um porção de chama e em meio a estas está a deusa que governa todas as coisas: de fato comanda sobre todas as coisas, sobre o terrível parto e sobre a união sexual empurrando aquilo que é feminino a unir-se com aquilo que é masculino e de novo ao contrário, aquilo que é masculino àquilo que é feminino.”

Fragmento 13

“Primeiro entre todos os deuses, a deusa produziu com a mente Amor...”

Fragmento 14

“A lua luz reflexa reluzente de noite errante entorno a terra”

Fragmento 15

“A lua volvendo o olhar na direção dos raios de sol”

Fragmento 16 versos 1 – 4

“Como de fato cada homem governa uma mistura de órgãos sujeitos a erros, assim uma mente governa os homens; de fato a mesma coisa que pensa nos homens, seja em todos que em cada um, é a substância constitutiva dos órgãos, a qual parte preponderante é o pensamento.”

Fragmento 17

“No útero, a direita nos machos e a esquerda na fêmeas...”

Fragmento 18 versos 1 – 6

“Quando a fêmea e o macho misturam juntos as sementes de Vênus, a força plasmante nas veias a partir do diverso sangue mantem-se uma mistura proporcionada forma corpos bem construídos. Se ao invés as forças, quando as sementes misturaram-se, contrastam entre elas, e não formam uma unidade de corpo formado de uma mistura, terríveis atormentarão o nascente sexo por causa da dupla semente.”

Fragmento 19 versos 1 – 3

Assim exatamente segundo a opinião estas coisas nasceram e agora são e em seguida, de agora em diante depois de ter crescido morrerão: para essas os homens impuseram um nome como uma marca para cada uma.